

**ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA SOBRE IMPACTO AMBIENTAL.
19/05/2008 - Agroindústria de Bom Jesus do Itabapoana S/A.**

CECA – Comissão Estadual de Controle Ambiental.

DVD 1

Vozerio no local.

UMA VOZ MASCULINA - Não, a gente vai chamar ele aqui...

Prossegue o vozerio. Um fotógrafo vem sentar-se na primeira fila. Focalizam a Mesa, onde se senta René JUSTIEN.

JUSTIEN – Boa noite a todos, eu me chamo René JUSTIEN, sou chefe da Agência Regional Norte da FEEMA, que atua na Região Norte e Noroeste do Estado. Estou aqui, hoje, em nome do Presidente da CECA - Comissão Estadual de Controle Ambiental, para darmos início à Audiência Pública sobre o Empreendimento da ABISA, que é a Agroindústria de Bom Jesus do Itabapoana. É um ato de uma importância muito grande, em que está sendo discutido o licenciamento da atividade de produção de álcool. É um ato que demonstra ser um ato democrático, de uma cidadania muito grande, onde a gente está dando, além da importância disso, a oportunidade de todos conhecerem e discutirem o que é o Empreendimento. E, para isto, eu gostaria de formar a Mesa.

Gostaria de chamar o Prefeito, o Doutor João Batista Magalhães... **(Aplausos)** É, pode ficar aqui do lado, por favor... O Presidente da Câmara, Paulo Roberto Pimentel... **(Aplausos)** O Doutor Ogando, que tem uma participação muito grande quanto à vinda do Empreendimento... **(Aplausos)** E chamarei agora o Diretor Executivo da ABISA, o Doutor Gilberto Machado. **(Aplausos)** O Diretor Executivo da empresa que realizou o estudo de impacto ambiental, Luiz Ricardo Reis **(Aplausos)** e vou chamar o Técnico da FEEMA, responsável pela pelo grupo de trabalho que está fazendo a análise do estudo de impacto ambiental, que é o colega da FEEMA, Doutor Luiz **HECKMAIER (Aplausos)**. Bem, gente, eu, nessa Audiência Pública, como é um ato de cidadania muito grande, eu gostaria de.... Foram convidadas cinquenta e nove instituições, entre elas o Ministério Público Federal e Estadual, mas eu gostaria de saber se alguém do Ministério Público Estadual ou Federal estaria aqui hoje? Se estivesse, eu gostaria que viesse compor a Mesa.

Uma senhora vem falar-lhe algo fora do microfone, ao que ele comenta:

SENHORA - ... Ele é Coordenador de Projetos da Fundação Getúlio Vargas!...

JUSTIEN – Era, mas depois eu gostaria de fazer só a menção dessa presença dele... **(Voltando a falar para a platéia)** Bem, gente, olha só: esse ato, embora tudo se resolva de uma forma... pelo viés político... e, também, estamos numa casa onde a prática política é muito grande, eu gostaria de ressaltar que, hoje, a gente está numa reunião política, mas uma reunião técnica. Então, para a gente não perder esse conteúdo técnico, essa oportunidade aonde nós vamos conhecer o Empreendimento, ter a oportunidade de troca de informação, colher informações que podem subsidiar, inclusive, no Parecer Técnico que vai conduzir o Licenciamento. Eu gostaria, então, que a gente desse, nessa primeira fase, a importância de ouvir a parte técnica.

A Audiência Pública é regulamentada pela Deliberação CECA-2555. Ela tem uma conduta de trabalho definida e nessa conduta está previsto que os técnicos – inicialmente, o responsável pelo Empreendimento, tem um tempo para se manifestar, apresentando o Empreendimento; depois, a empresa responsável pela elaboração do RIMA tem um tempo também para apresentar o que é o Empreendimento, sob a visão ambiental; e, depois, a FEEMA, aonde, para a elaboração do estudo, foi nomeada uma Comissão Técnica,

um grupo de trabalho, aonde elaborou um estudo que está representado aqui pelo Engenheiro Luiz Heckmaier. Ele vai fazer uma exposição do que foi avaliado pela FEEMA. Então, isso tem uma conduta e eu gostaria de manter essa ordem e, depois que a gente fizesse as perguntas, a gente abrisse aos debates, às falas e às manifestações das pessoas mais interagidas com o processo político.

A Audiência Pública.... Todos receberam um fôlder aonde tem um encarte aqui para se elaborar as perguntas. As perguntas têm que ser escritas, tem que estar qualificado o nome da pessoa que a fez, porque tudo isso é gravado, tudo isso consta dos Autos. Após o encerramento da Audiência Pública, após a data... após se encerrar, as pessoas têm dez dias para enviar a sua manifestação sobre o que foi discutido aqui, sobre o que foi apresentado, sobre alguma dúvida, alguma moção, alguma nova idéia, alguma coisa que possa complementar o estudo. E, depois disso, o secretário... Essa reunião está sendo secretariada pelo Senhor Ronaldo Poli, que vai fazer uma Ata e tem quinze dias para que o Presidente - então, no caso, eu - encaminhe o processo a CECA para ser emitida a Licença de acordo com o que for definido na Plenária de hoje.

Eu gostaria, também, de citar e agradecer a presença do Prefeito Hélio Gomes, de São José de Ubá... desculpe, é José **ILHEM**; do Senhor Virgílio **GIBON**, Coordenador de Projetos da Fundação Getúlio Vargas, e eu gostaria que outras autoridades que estivessem aqui se identificassem para que nós pudéssemos informar aqui a sua presença, que muito nos honra.

Para a gente dar início à solenidade da apresentação técnica, nós vamos cantar o Hino Nacional.

Todos se põem de pé. Ouve-se o Hino Nacional.

JUSTIEN – Bem, dando seqüência, também não poderia deixar de agradecer à Câmara por ter cedido para nós este espaço, principalmente num momento de importância muito grande em que a gente sente que esse Empreendimento é um marco muito grande para o Município e, então, a gente, mais uma vez... Esperamos que tudo transcorra numa forma muito boa.

Só num ato de esclarecimento: o estudo de impacto ambiental é elaborado dentro de um procedimento técnico, tem uma instrução específica, tem um tempo de análise e todo ele tem um quadro de uma importância muito grande para se avaliar todos os segmentos que o envolvem; nas apresentações vocês vão perceber isto de forma muito clara.

Então, nessa primeira fase agora, a gente vai fazer a apresentação dos trabalhos técnicos; acabando a apresentação dos trabalhos técnicos, eu vou pedir que os membros da Mesa também falem sobre o Empreendimento; as pessoas vão se manifestar sobre ele. Depois a gente abre para uma fase, então, do debate, das perguntas que deverão ser feitas através de formulários, ta? A primeira fase, eu vou, a gente vai... quer dizer, é um tempo... será concedido um tempo de trinta minutos para um representante do Empreendimento falar sobre o Empreendimento em si. Mais uma vez, o representante do estudo de impacto ambiental também apresentar e a FEEMA, então, tecer os comentários que ela achou do estudo.

Então, eu gostaria que o Senhor Gilberto Machado, que é o representante da ABISA, falasse, então, sobre o empreendimento.

MACHADO - Boa noite a todos, nós estamos muito sensibilizados de estarmos aqui hoje, mas acho que eu não preciso falar sobre o Empreendimento. Todos aqui estão vivenciando esse Empreendimento desde a época do primeiro movimento em prol da implantação disso! Então, nós gostaríamos de passar um pequeno filme mostrando uma usina funcionando, que não será novidade para muita gente que aqui está, será novidade para outras pessoas, mas, com certeza, vai despertar saudades em muitos dos que aqui estão presentes. Portanto, as nossas palavras vão estar na apresentação desse filme.

Preparação para o filme. Apagam-se algumas luzes.

No filme:

LOCUÇÃO – Depois de colhida no campo, a cana-de-açúcar chega até a usina por caminhões; no parque industrial, o caminhão é pesado em uma balança que vai precisar a quantidade de cana que ele carrega. **(O filme é reinicializado e prossegue)** Depois de colhida no campo, a cana-de-açúcar chega até a usina por caminhões; no parque industrial, o caminhão é pesado em uma balança que vai precisar a quantidade de cana que ele carrega.

O próximo passo é a análise da quantidade de açúcar que aquela cana específica possui. Isto é feito com a retirada de uma amostra pequena do carregamento através de sondas, que podem ser oblíquas ou horizontais.

A amostra da cana é direcionada a um laboratório que diagnosticará o índice de ATR – açúcares totais recuperáveis; ou seja, a quantidade efetiva de açúcar que aquela cana tem.

Depois de pesada, a cana poderá ter dois destinos distintos: ou será encaminhada diretamente para a mesa alimentadora da usina, onde, se colhida manualmente, poderá ser lavada ou ventilada (limpeza a seco) para a remoção das impurezas; ou, no caso da cana colhida mecanicamente, ela segue direto para o picadouro, desfibrador e moenda ou difusor.

Algumas usinas trabalham com pátios de recepção de cana e estocagem, onde a cana é depositada ou fica aguardando nos próprios caminhões até ser encaminhada à mesa alimentadora.

Os passos seguintes consistem em preparar a cana para a extração do caldo, aumentando, assim, sua densidade e a capacidade de moagem. Nesse processo, objetiva-se também romper as células para a liberação do caldo nelas contido. Assim, a cana é passada por um jogo de facas, num processo de preparação, até entrar em um desfibrador, onde cerca de 85% a 92% de suas células são rompidas, o que facilitará a extração do caldo.

Constituída, basicamente, de fibra e caldo, o que interessa para a cadeia produtiva da cana-de-açúcar é o açúcar contido na matéria-prima, que se encontra dissolvido no caldo. Portanto, o objetivo principal é extrair o máximo de caldo da cana.

A extração do caldo ocorre por duas diferentes técnicas: a utilização de moendas ou difusor de cana. Nas moendas, formadas por vários ternos com dimensões diferentes, a cana é esmagada. Cada terno, ou “castelos” como também são conhecidos, possuem quatro rolos principais, denominados rolo de entrada, rolo superior, rolo de pressão e rolo de saída. No primeiro terno, são extraídas as maiores quantidades de caldo; depois disso, a cana é embebecida de água e passa pelos demais ternos até que cerca de 94% a 97% de seu caldo seja extraído. O número de ternos varia de quatro a sete.

Outra forma de extração do caldo é o difusor de cana onde a extração ocorre com a ruptura das células no preparo da cana, onde se encontra a sacarose, e a lavagem dessas com água ou caldo da própria cana. Neste processo, os índices de extração podem chegar até 98% do caldo retirado.

Após a extração do caldo, o processo se divide em três diferentes estágios: de um lado, o bagaço que sobra é dirigido a uma esteira ou direcionado diretamente para as caldeiras, onde será queimado e seu vapor transformado em energia, no processo que se conhece por “co-geração de energia” ou “bioeletricidade”. As usinas brasileiras são auto-suficientes em energia durante o período da safra, e ainda exportam excedentes para as redes de distribuição, vendendo, assim, Créditos de Carbono, em conformidade com o Protocolo de Kioto. Cada tonelada de cana processada gera, em média, duzentos e sessenta quilos de bagaço; a energia co-gerada pode acionar as moendas nos processos elétricos, ou o vapor utilizado para o acionamento, que

transforma energia térmica em mecânica.

Extraído o caldo da cana, o próximo passo será o tratamento desse caldo, objetivando a retirada de impurezas solúveis e insolúveis nele encontradas. O tratamento pode ocorrer em várias fases, desde a passagem do caldo por peneiras, força centrífuga, para separar materiais sólidos do líquido, pesagem do caldo, permitindo melhor controle químico do processo e tratamento químico do caldo.

Depois de tratado, o caldo pode ser encaminhado para a fabricação de açúcar ou de etanol. No primeiro caso, o caldo passa por um processo conhecido como sulfitação, que tem por objetivo inibir reações que causam formação de cor, coagulação de colóides, solúveis, e diminuir a viscosidade do caldo; a decalagem, para neutralizar o PH do caldo e eliminar corantes.

Enfim, o caldo é preparado para a próxima fase, a do aquecimento. Nela, o caldo é aquecido a aproximadamente 105°C, com a finalidade de acelerar e facilitar a coagulação, aumentando a eficiência da decantação e possibilitando a decalagem do caldo.

Depois de aquecido, o caldo é purificado, no processo chamado decantação ou clarificação. O caldo decantado é retirado da parte superior de cada compartimento e enviado ao setor de evaporação, para concentração. As impurezas sedimentadas constituem o lodo, que, normalmente, é retirado do decantador pelo fundo e enviado ao setor de filtração para recuperação do açúcar nele contido.

Depois, o caldo é filtrado, com o objetivo de recuperar o açúcar contido no lodo. Na seqüência, ele passa por evaporadores para ser, depois, cozido, cristalizado, centrifugado e secado. Depois desse processo, o açúcar, que pode então ser refinado, ou ganhar outras formas e especificações é ensacado, pesado e armazenado, até ser transportado por via rodoviária ou ferroviária. Algumas usinas comercializam o açúcar direto aos consumidores, com marcas próprias, ensacadas nas próprias unidades.

Após passar pelo tratamento primário de peneiramento, o caldo é submetido a um tratamento mais completo que implica na adição de cal, aquecimento e posterior decantação, tratamento semelhante àquele utilizado na fabricação de açúcar. Livre de impurezas e devidamente esterilizado, o caldo está pronto para ser encaminhado para a fermentação, onde os açúcares são transformados em álcool. As reações ocorrem em tanques denominados “tornas de fermentação”. O tempo de fermentação varia de seis a dez horas; ao final desse período, praticamente todo o açúcar já foi consumido, com a conseqüente redução da liberação de gases e multiplicação do fermento. Após a fermentação, o vinho é enviado às centrífugas para a recuperação do fermento, que é tratado novamente e utilizado para a continuidade do processo fermentativo. O excedente de fermento pode ser encaminhado para secagem, dando origem a um outro produto, a levedura seca, que será comercializada como complemento alimentar animal ou humano, como fonte de proteínas.

O vinho centrifugado é encaminhado para a destilaria, processo este que se utiliza dos diferentes pontos de ebulição das diversas substâncias voláteis presentes, separando-as. A operação é realizada com o auxílio de colunas distribuídas em vários troncos. Uma coluna tem por finalidade de esgotar a maior quantidade de álcool do seu produto de fundo, que é denominado “vinhaça”.

A vinhaça, retirada em uma proporção aproximada de doze litros para cada litro de álcool produzido e constituída, principalmente, de água, sais sólidos em suspensão e solúveis, é utilizada na lavoura como fertilizante, sendo o seu calor parcialmente recuperado pelo caldo em um trocador de calor.

O álcool hidratado, produto final dos processos de destilação e retificação, é uma mistura binária álcool-água, que atinge um teor da ordem de 96°. Esse álcool hidratado pode ser comercializado desta forma ou passar por um processo de desidratação, transformando-se no álcool anidro, utilizado no Brasil como aditivo à gasolina.

Depois de pronto, o álcool produzido é armazenado em tanques de grande volume situados nos parques industriais ou mesmo embarcados em caminhões tanques ou composições ferroviárias para ser comercializado às distribuidoras.

Músicas e créditos finais do filme.

MACHADO - Bem meus amigos, aí está o nosso sonho! E ele nunca esteve tão perto; precisamos de mais um empurrãozinho. E esse empurrãozinho consiste em que tudo aquilo que nós prometemos até hoje nós cumprimos. Todos que vêm me assistindo nos últimos tempos têm observado que, quando entra na parte de investidor, o investidor é meio selvagem, ele não tem essa paixão que nós temos por estarmos envolvidos nesse processo. Então, nós vamos, se Deus quiser, após a Licença Prévia, começar um movimento de cadastramento efetivo da terra que irá produzir cana-de-açúcar. Esse é o momento em que todos nós, bonjesuenses, no Vale do Itabapoana como um todo, no Vale do Muriaé... Itaperunense... olha, leva a que todo o povo da região se una.

Eu fiz uma mensagem para um amigo meu há uns dias atrás, mas eu acho que essa mensagem cabe perfeitamente para nós: **(Lendo)** “Senhoras e senhores, nós temos certeza de que Deus nos preparou e nos moldou para desenvolvermos e implantarmos o Complexo ABISA – porque, na nossa casa, já existiram três usinas de açúcar e álcool. Além do desenvolvimento econômico e social que influirá no destino do povo da nossa terra, a história que será escrita a partir daí reservar-nos-á um espaço em seus anais como o maior dos legados que deixaremos para nossos herdeiros e para as gerações futuras. E a consciência disso – exatamente a consciência disso – tra-nos-á alegrias e felicidades inimagináveis, que somente os homens de bem, abençoados e iluminados por Deus podem sentir. Nada é fácil, muitos obstáculos teremos que superar. Por isso, vamos fazer desta Audiência Pública em prol da implantação da ABISA um dos mais importantes dos incontáveis episódios que, com certeza, esta história terá”. Essa é a mensagem que eu tenho para todos nós. **(Aplausos)** Participando de uma reunião no Rio de Janeiro, para falar sobre o setor sucroalcooleiro na região Noroeste e Norte do Estado do Rio de Janeiro, nós ouvimos falar que nós não somos competentes para isso e, nesse momento, nós brigamos muito, porque nós somos muito mais competentes do que eles pensam. Temos que acabar com essa mania de que tudo vai para São Paulo, conversa fiada! Nós somos tão ou mais competentes que o Estado de São Paulo. Vamos fazer a ABISA e vamos fazer a ABISA ser um dos maiores complexos sucroalcooleiros do Norte e do Noroeste Fluminense.

JUSTIEN - Bem, gente... eu agradeço a apresentação do Senhor Gilberto e, também, eu gostaria de informar a presença do Prefeito de Itaocara, Manoel Faria; do Vice-prefeito de Itaocara, Alcione Araújo; do Prefeito de Itaperuna, Jair Bittencourt. Eu gostaria de saber também se está aqui presente um dos representantes do Ministério Público Estadual ou do Ministério Público Federal.

Dando seqüência, aqui, aos trabalhos técnicos, eu gostaria que o Senhor Luiz Ricardo, Diretor Executivo da Macro Ambiente, que realizou o estudo de impacto ambiental, fizesse a apresentação sobre o tema do estudo. Também será disponibilizado um tempo de trinta minutos.

LUIZ RICARDO - Boa noite a todos, o meu nome é Luiz Ricardo, eu sou Diretor da Macro Ambiente, a empresa que foi contratada para desenvolver o EIA/RIMA. Rapidamente, antes de falar especificamente sobre o trabalho, quando nós começamos a vir aqui a Bom Jesus a trabalhar, a gente pensava que estava executando mais um projeto da nossa empresa. E, desde o primeiro dia que nós pusemos os pés aqui, nós percebemos que a gente estava começando um projeto que, realmente, vai muito além da esfera técnica, política e empresarial. A receptividade, a ansiedade do povo da região em conhecer e obter esse projeto, uma realidade que impressionou sempre que a nossa equipe vinha aqui na região. E isso foi muito gratificante sob o aspecto pessoal, de nós podermos fazer parte desse marco histórico para a região.

Falando especificamente, um EIA/RIMA é o estudo de impacto, o estudo de meio ambiente; o Senhor René já falou brevemente... É o trabalho mais complexo que existe na área de meio ambiente. Para os senhores

terem uma idéia, a equipe técnica que participou desse Projeto contou com nove a onze pessoas com formações profissionais distintas. Eu, como Engenheiro Florestal e Diretor da empresa, juntamente com o Cláudio, que é o nosso Gerente Técnico, geógrafo pós-graduado em Gestão Ambiental de Municípios, coordenamos esse trabalho. Nós tivemos nesse trabalho a participação de dois biólogos para fazer a avaliação do meio que a gente chama de “meio biótico”, que os senhores vão conhecer um pouco mais detalhado... Nós tivemos a participação de dois geólogos, que fizeram o estudo de meio físico, que os senhores vão conhecer detalhadamente também... Uma socióloga e uma outra geógrafa, que fizeram os estudos de meio sócio-econômico, além de uma advogada, especialista em Direito Ambiental, que analisou toda a legislação que envolve o Empreendimento... Um engenheiro químico e um engenheiro civil, que fizeram uma análise e uma avaliação dos riscos de acidentes ambientais. Então, realmente, é uma equipe multidisciplinar ampla e que requereu um trabalho árduo e uma pesquisa muito profunda de todo mundo para que a gente pudesse passar pela fase de análise da equipe de trabalho da FEEMA; diga-se de passagem, devemos parte do resultado disso tudo ao esforço e dedicação da equipe da FEEMA, que teve uma agilidade, que eu nunca vi até os dias atuais, em analisar e encerrar o processo de análise de um Projeto dessa natureza. Hoje, a minha empresa tem projetos no Espírito Santo, na Bahia, tem outros no Rio de Janeiro, mas como a FEEMA trabalhou dessa vez, realmente, nós nunca convivemos com essa... com esse interesse e esse comprometimento em analisar e encerrar e dar continuidade com a agilidade com que foi feito esse processo pela FEEMA.

Bom, para a gente começar, aqui, então... Esse Projeto, como que ele foi desenvolvido? A FEEMA, através da equipe técnica dela, elaborou o que nós chamamos de um.... Eu vou mudar a ordem aqui, rapidamente... A FEEMA elaborou uma Instrução Técnica específica. Esse grupo de trabalho que está acompanhando, aqui, presidindo a Mesa, definiu quais os quesitos, quais os aspectos, o quê que deveria ser estudado e apresentado dentro do EIA/RIMA, e o nosso Projeto atendeu aí todas as solicitações feitas pelo órgão competente.

Dentro dessa Instrução Técnica específica, que é um termo de referência que norteia os trabalhos que nós desenvolvemos, ele foi desenvolvido em alguns capítulos, que se iniciam com a identificação do Empreendimento, que nós já falamos aí, foi abordado de uma forma superficial pela apresentação... As justificativas tecnológicas e locacionais do Empreendimento... Quando a gente desenvolve um estudo de EIARIMA, nós precisamos oferecer alternativas à alocação daquele empreendimento. A primeira opção que foi apresentada para a gente não era a mais... não era a ideal e nós optamos por relocar, ainda que pouco, mas foi atendido sob o aspecto técnico.

Depois, vêm as informações técnicas todas, onde se fala sobre o processo industrial, que o Senhor Gilberto, com o filme dele, demonstrou de uma forma bastante objetiva e didática, através do filme...

E aí, sim, vem o diagnóstico ambiental, que é onde eu vou apresentar um pouco dos detalhes para os senhores e para as senhoras. Depois de fazer a avaliação desses impactos, a gente propõe medidas para compensar e mitigar ou diminuir aqueles impactos que vão ser causados para a construção e operação desse Empreendimento.

E, o último item, que foi quando nós trabalhamos sobre as análises de risco. Como vocês viram no filme, se trabalha com caldeiras, com pressão, com temperatura, com combustão... Então, um dos pontos fortes da solicitação da FEEMA, uma das grandes preocupações são quanto aos riscos, não é?! Então, agora a gente vai detalhar um pouquinho mais isso para vocês.

O Empreendimento, a ABISA. Este é o nome que já está gravado na memória de todo mundo: uma usina para se produzir álcool e açúcar. A área da planta industrial, do complexo industrial abrange mais ou menos uma área aproximada de trinta e oito hectares. Esse Empreendimento vem amparado por todas as normas legais vigentes, pelo EIARIMA, que é o Estudo de Impacto Ambiental e o Relatório de Impacto Ambiental. Ele seguiu o roteiro que a FEEMA desenvolveu, que foi aquela tela que eu avancei um pouquinho, que foi a

Instrução técnica específica que norteia os trabalhos que nós desenvolvemos.

Bom, aí, então, sobre os aspectos legais. A gente reapresenta a capa do Termo de Referência...

A visão que a gente quer trazer para vocês é uma visão completa. Todos aqui sabem, mais ou menos, a localização de Bom Jesus na área geográfica regional, aonde que Bom Jesus está localizado aqui na Região Noroeste do Estado. A indústria pretende ser instalada na rodovia RJ-230, lá na localidade de Nova Bom Jesus.

Uma vista panorâmica da região. A gente pode ver lá atrás, onde está mostrando a rodovia passando hoje, marcado de amarelo aonde, se Deus quiser, vai ser construída a usina nossa.

Os objetivos principais. Nós queremos processar e beneficiar a cana-de-açúcar para produzir álcool e açúcar.

Nós temos, nesse Empreendimento, algumas fases; obviamente, ela não vai chegar na sua capacidade... vai ser inaugurada na sua capacidade máxima, mas quando ela tiver toda a estrutura proveniente da COPERCAM, com toda a área de cultura de cana, a gente vai estar processando em torno de um milhão de toneladas de cana-de-açúcar por safra para se produzir o álcool e o açúcar.

Bom, vamos falar primeiro sobre os benefícios que o Empreendimento vai trazer. O Senhor Gilberto falou em aproximadamente mil e quatrocentos empregos diretos e outros milhares de empregos indiretos que virão com a parte da agricultura, com as oficinas para manutenção de equipamento... enfim, toda a infra-estrutura que vai ser criada em torno da usina. Outro grande benefício: o acréscimo da arrecadação de tributos pelo Município, pelo Estado e pela União; e aí, é onde chega o grande diferencial que esse Empreendimento vai trazer, um incremento que vai mudar a realidade sócio-econômica de Bom Jesus e região e, conseqüentemente, atraindo novos investimentos de empresas que vão trabalhar com serviços e alguns produtos direta ou indiretamente relacionados com a usina.

Aqui, uma outra visão: algumas edificações. O que é que a gente tem ali construído, no entorno da futura usina? Fica ali na região da Nova Bom Jesus, próximo de onde já tivemos outra usina e algumas outras pequenas indústrias lá na região, a Usina Santa Isabel.

Bom, nós falamos sobre os benefícios sócio-econômicos; eu acho que eles são os mais fáceis de vocês absorverem e visualizarem, mas, atrás disso, vem também o aspecto tecnológico. Como o Senhor Gilberto falou, nós também temos a competência e a tecnologia para implantar essa empresa. O uso de equipamentos e de processos industriais, tecnologia de ponta, equipamentos modernos, seguros acima de tudo, e que garantem uma boa produção. O álcool hoje, os senhores estão vendo... O Brasil, atualmente, superou! A frota nacional, hoje, consome mais álcool do que gasolina, e isso é invejável! Outros países do mundo devem morrer de inveja porque não têm uma capacidade, como a que nós temos, de produzir um combustível renovável, uma produção limpa. Dentro desses benefícios, está prevista a implantação de estações de tratamento de água, de tratamento de efluentes e o reaproveitamento de águas, estações de tratamento de esgotos, atendendo toda a necessidade de minimizar qualquer tipo de impacto que vá ser causado.

A gente mostrou aqui.... Preparou essa tela onde tem um fluxograma, que é a seqüência das atividades e das operações que uma usina de álcool tem. Eu acho que isso ficou bastante caracterizado aí, com o filme que foi apresentado; já deu a vocês uma visão bastante ampla e completa de como é a realidade do dia-a-dia de uma usina operando.

Bom, nós falamos de benefícios sob aspectos sociais, sobre aspectos tecnológicos e sobre aspectos locais. Nós estamos numa área industrial, a Região Sudeste do País, uma região muito desenvolvida, com uma alta demanda para combustível, seja para açúcar, seja para álcool. A Região Noroeste do Estado do Rio de Janeiro que, historicamente, já tem uma produção bastante expressiva – e crescente, isso é muito importante ser dito: nos últimos anos, cada vez mais, as usinas que já operam na região vêm se adaptando,

se modernizando, para garantir uma produção maior. A empresa tem, já, um terreno e com um local que foi escolhido com uma baixa densidade demográfica; ou seja, não há uma população muito significativa no entorno dessa planta, que garante um aspecto sob a visão de segurança maior ainda.

Aqui, algumas fotos para ilustrar. Uma plantação de cana ao fundo, aqui na região já...

Bom, falamos dos benefícios sociais, tecnológicos, locacionais e, agora, sobre os aspectos bióticos. O quê que é a parte que a Biologia estudou? Os impactos que vão ser causados na área em que vai ser construída a usina são muito pequenos. Muito pequenos porque é uma área que já está num estágio, até um pouco avançado, de degradação, uma área que já foi utilizada para outras práticas agrícolas, uma área que não tem um aspecto de hoje, de conservação forte. Então, nós vamos nos utilizar de uma área que, por outras atividades, historicamente... sob o aspecto de biodiversidade, não vai acontecer um impacto significativo, o que já é um fator positivo para o Empreendimento. O local é desprovido de florestas, de formações florestais em estágio avançado de recuperação; é uma área, basicamente, de pastagem, que aproveita o antigo aeroporto... uma área de pastagem que é até degradada atualmente por uma extração, um pouco clandestina, de areia, de alguns moradores da região. Então, sob esse aspecto, na visão pontual, nem numa visão mais macro da localização, não vamos ter impactos significativos. E, para aquilo que será causado, está previsto a implantação de matas ciliares no entorno da planta industrial, de córregos que nós temos, que passam lá perto, vão ser recuperados e beneficiados com a implantação desse Projeto.

Ali é um mapa que mostra essa cobertura vegetal de que a gente estava falando. Nós podemos ver: essas manchas verdes são as pequenas formações de florestas e alguma formação mais expressiva que tenha. E ali, onde está marcado de laranja, aonde vai ser a usina. Isso vem confirmar aquilo que a gente estava falando nesse momento sobre o aspecto biótico.

Aqui, uma visão... Lá, ao fundo, não é? Na outra tela, nós mostramos um mapa, uma carta cartográfica, aonde se ilustra as formações florestais significativas que tem na área do entorno; e aqui, a gente as demonstra com fotografias. Lá em cima, num topo de morro, nas duas partes, aonde a gente pode demonstrar através das fotos aquilo que foi mostrado numa planta, numa carta topográfica.

Aí, quando a gente falou da área, de cursos d'água que vão estar no entorno, aonde a gente vai poder ter alguma recuperação e uma melhoria dos cursos d'água que estão na área de influência da planta industrial.

Bom, agora sobre os aspectos... Falamos dos benefícios sócio-econômicos, de tecnologia, de locação, dos aspectos bióticos e dos aspectos físicos. A região é uma região com aptidão climática, um bom clima, altas temperaturas, bons índices de chuva, ou seja, temperatura boa e umidade alta para garantir uma boa produção da cana, um bom crescimento da planta. E um solo, uma região que tradicionalmente vai recuperar sua aptidão de cultura da cana-de-açúcar, perdida com a desativação das antigas usinas. Os solos também têm algumas características que eles não vão influenciar na infiltração de efluentes. A gente fez alguns estudos sobre profundidade, proximidade de lençol freático, de algum tipo de contaminação e tem-se segurança satisfatória para garantir que as possibilidades dessas contaminações... elas não são, aí, significativas.

Bom, esse Diagnóstico Ambiental levou em consideração uma área diretamente afetada pelo Empreendimento; uma área indiretamente influenciada, que já vai aqui nos municípios do seu entorno; e uma área de influência indireta, uma área um pouco mais ampla. Então, os estudos se concentraram aqui e nessa outra região que pode sofrer alguma influência desse Empreendimento.

Bom, nós falamos de todos os benefícios, mas é nossa obrigação também falar daqueles impactos que nós identificamos. Então, eu não sei se vai ser... é uma coisa um pouco longa, mas isso tudo foi já avaliado e analisado... Então, a gente... Isso pode subsidiar alguma dúvida que alguns dos senhores tenham... O quê que pode acontecer e o quê que não pode acontecer nessa fase da construção da usina?

Então, por exemplo: na fase de implantação de um canteiro de obras, nós temos muitas preocupações e muitas ações planejadas para mitigar, para minimizar possíveis impactos. Então, em algumas áreas que vão ter que ser degradadas, vai precisar fazer alguns cortes para obter áreas de empréstimo, bota-foras para as partes, nos momentos de fazer terraplenagem para se assentar essa indústria em cima... Está previsto a recuperação dessas áreas que vão ser degradadas na fase de implantação da usina. Algumas drenagens vão ter que ser feitas para se adequar e melhorar a estrutura e a capacidade do terreno, não é?!

Com relação à geração de resíduos, tanto na fase de implantação quanto na de operação desse complexo, está previsto também treinamento e programas de coleta seletiva, segregação de resíduos, tratamento daqueles resíduos que possam ser... Durante uma fase, nós vamos estar lidando com resíduos que não são recicláveis e que não podem ir para um aterro sanitário comum. Então, esses resíduos especiais exigem todo um plano de gerenciamento desses resíduos da indústria, e esses resíduos vão ser devidamente tratados e destinados; ou seja, destinados e tratados por empresas capacitadas e regulamentadas para essas atividades.

Aí, vêm outras questões sobre o tráfego de veículos. Vai ser um tráfego intenso... Período de seca, está previsto que aqueles caminhões passem molhando as vias, ali no seu entorno, para diminuir o desconforto por causa de poeira. Toda a remoção de vegetação que vai acontecer vai ser uma remoção criteriosa, planejada, para que se trace as vias de acesso e as obras interfiram o mínimo nesse ambiente natural que está lá hoje.

Dentro desse canteiro de obras, vamos ter aí frotas, caminhões sendo abastecidos... Está previsto aí bacias de contenção para combustível, a organização aí dos resíduos de lubrificantes, toda essa parte aí da indústria, está tudo previsto também.

Quando se começar o beneficiamento da cana, a construção de estações de tratamento de efluentes, a reutilização do uso da água, para poder ser utilizada em lavagem de áreas industriais...

Enfim, agora a gente vai passando diversas atividades... quando a gente for falar da parte de terraplenagem – eu já falei um pouco disto lá atrás, o quê que está previsto... No funcionamento de caldeiras, na instalação do canteiro de obras... motoristas treinados, não é?! Aqueles requisitos de algumas práticas convencionais: para chegar, até trinta ou quarenta quilômetros por hora; todos os operadores de veículo com cinto de segurança; faróis acesos, para evitar qualquer tipo de colisão nessa fase onde vai ter um trânsito intenso de máquinas e de equipamento... Cada detalhe desse, possível de minimizar a possibilidade de impacto e de acidente, foi tudo previsto no estudo que foi desenvolvido.

Durante a operação do Empreendimento, foi previsto também o uso da vinhaça para ser feita a ferti-irrigação. Os resíduos orgânicos produzidos pela usina vão ser todos reutilizados como adubos orgânicos na área mais próxima, não é?! Obviamente que no entorno dessa usina vão surgir os canais e essa usina está sendo concebida numa altitude, numa cota do terreno capaz o suficiente para que a vinhaça que seja gerada durante o processo de produção escoe e seja tratada, diluída, e escoe, por gravidade, até aonde ela vai ser depois bombeada pelas máquinas de irrigação dessas áreas de cultura de cana, havendo aí o reaproveitamento desse resíduo que é a vinhaça, que vai se transformar num adubo orgânico para melhorar a produtividade e a qualidade do canal no entorno da planta.

As Demandas de Mão-de-obra: esse vai ser um dos grandes benefícios da região. Vai ser criado um Plano de Cadastramento, qualificação e aproveitamento de toda a mão-de-obra disponível aqui na região. Quando nós começamos a trabalhar aqui, nós tivemos a surpresa de que gerações que operaram, que trabalharam nas outras usinas – ah, o meu tio trabalhou, o meu tio foi caldeireiro! O meu pai trabalhou assim! - então, a gente vê hoje a possibilidade do resgate dessa cultura da região, das gerações atuais virem a ter essa profissão. Então, vai haver toda uma capacitação para se reaproveitar ao máximo, e aproveitar ao máximo a mão-de-

obra local.

Sobre o aspecto de resíduos, sub-produtos, a gente vem aí detalhando, mais uma vez, o que esta previsto e programado para otimizar, regulamentar e programar essas atividades sobre resíduos principalmente.

Bom, a gente falou dos benefícios e dos impactos sociais, dos impactos tecnológicos da operação e, agora, falar alguma coisa sobre as avaliações de risco que foram feitas. A gente emprega normalmente um programa de informática, um software, e que nele nós informamos esse programa todas as características daquela empresa que a gente esta tentando obter a concessão da Licença junto ao órgão. Então, a gente informa esse programa sobre direção de vento, localização, altitude, e informa o programa também sobre o processo industrial em si. Para isso, um engenheiro químico, conhecedor de todos os processos de transformação, desde a cana chegar na indústria e aqueles processos que os senhores viram, e as variáveis que estão ali, o software solta modelos digitais para a gente, depois, dando a segurança dentro de um mapa de proximidade. Então, tudo isso foi estudado, as condições são favoráveis, e para cada possibilidade há uma prevenção e uma ação.

Então, quando a gente esta falando ali de análises de risco, se a gente tem a possibilidade de, um dia, acontecer algum tipo de explosão, previamente, todos esses equipamentos estão sendo monitorados e detectores instalados para evitar essas possibilidades antes da ocorrência de algum evento dessa natureza. Se existe a possibilidade de algum incêndio, circuitos de TV e brigadas de incêndio já estão devidamente programadas. Se existe alguma atividade de superaquecimento, sensores térmicos de temperatura monitoram e dão ao gerente da usina, aos operadores da usina a condição de prever e saber dessas possibilidades e de interromper esses possíveis acidentes.

Acidentes com veículos, a gente acabou de falar um pouco detalhado disso. Essa empresa vai ter a sua equipe de segurança do trabalho, treinando e capacitando todos para evitar esse tipo de evento.

Enfim, todas essas possibilidades foram analisadas e para cada uma delas tem uma ação preventiva e uma ação corretiva se se fizer necessário.

Eu acho que a gente conseguiu, de uma forma objetiva, complementar a visão que foi dada aos senhores e às senhoras, do que uma usina estava funcionando e mostrar aquilo que a gente estudou, avaliou e concluiu ser viável para nós apresentarmos para os técnicos da FEEMA como um projeto viável para a região.

A gente vai voltar, agora, para o Doutor René, que esta coordenando os trabalhos e, em outra parte, quem tiver algum tipo de questionamento para fazer já foi orientado como deve proceder. Eu agradeço a atenção de todo mundo.

(Aplausos)

JUSTIEN – Agradeço a apresentação do Engenheiro Luiz Ricardo. Agora, já houve a apresentação de dois palestrantes. A gente tem um conteúdo de informação muito grande, eu gostaria, então, de ressaltar a importância de a gente começar a fazer, a elaborar as perguntas, escrevendo no formulário que foi entregue. Eu gostaria também que o pessoal de apoio visse se estão precisando de mais formulários para que se fossem, então, elaboradas. É importante que isso venha rápido para a gente começar a selecionar o que a gente vai responder, porque vêm muitas perguntas iguais, então, a gente vai selecionando para que facilite o trabalho posteriormente.

Eu gostaria também de informar a presença aqui do Padre Vicente Osmar, da Paróquia de Nosso Senhor do Bom Jesus. Dando seqüência, vou pedir que o Engenheiro Luiz Heckmaier faça a apresentação da avaliação do estudo de impacto ambiental, realizado pela equipe técnica da FEEMA. Também será concedido o tempo de trinta minutos.

HECKMAIER – Boa noite a todos. É uma satisfação estar aqui nessa reunião, oportunidade que nós... O Projeto está sendo apresentado oficialmente à comunidade daqui da região de Bom Jesus de Itabapoana e todas as suas influências em todos os projetos que fazem parte dessa região.

Bom, só para dar uma pequena recapitulação: o porquê dessa Audiência. Essa audiência faz parte do processo de licenciamento, de Licença Prévia, que é feito para a instalação de um empreendimento de porte como esse, que é uma usina de açúcar e de álcool. A legislação determina, a Resolução CONAMA N°.1 de 1986, e a Lei Estadual 1.356, do Estado, elas determinam que determinados tipos de atividade que tenham um peso, em termos de porte e potencial poluidor, seja necessária a realização de um estudo de impacto ambiental. Atividades do tipo indústrias hidrelétricas, termelétricas, estradas, refinarias, indústrias químicas, clorotômicas, aterros sanitários, entre outros, e usinas de açúcar e de álcool, seja então necessário se fazer o estudo de impacto ambiental.

Esse estudo de impacto ambiental, como foi dito aqui, ele é feito... foi nomeada uma comissão pela FEEMA, do qual fazem parte este que vos fala, Luiz Heckmaier, a Doutora Maringá Alves Costa, que se encontra presente, o Doutor Ricardo Barros e a Doutora Denise Flores. Estivemos fazendo uma visita aqui na região de Bom Jesus para conhecer a área do Empreendimento e a finalidade dessa reunião, hoje, é na verdade, colher subsídios para que nós possamos fechar o nosso Parecer Técnico. Nós já fizemos o nosso Parecer Preliminar de Licença, que eu vou, então, neste momento, apresentar aos senhores o quê que nós verificamos e estamos aqui, mais uma vez, colhendo subsídios para que nós possamos identificar opiniões, sugestões, ou outros empreendimentos, outras observações que não foram identificadas no estudo de impacto ambiental, como foi apresentado aqui pela consultora Macro Ambiente, que fez a apresentação do estudo dos impactos positivos e dos impactos negativos. Nós vamos, então, colher essas informações para que nos possamos fechar o nosso Parecer.

De qualquer maneira, o Empreendimento, na nossa visão, puramente técnica, é uma visão em que nós verificamos que o Empreendimento tem tudo para ser um sucesso. O local que foi escolhido é uma área, como já foi dito, é uma área degradada, uma área que já foi ocupada, em outras ocasiões, por outras atividades; então, já foi uma área bastante pisada, é uma área próxima à estrada, uma área de fácil acesso, uma área que vai trazer possibilidades de não ter impactos ambientais significativos. Esses impactos que foram identificados e que foram já ditos pelo estudo, todos eles serão mitigados através das medidas que forem anunciadas; ou seja, em cada uma delas: o impacto no ar, serão adotadas medidas de controle; o impacto na água, impacto no solo, impacto na via pública, impactos na geração de riscos que possa ter. Para cada impacto, então, vai ser adotada uma medida mitigadora.

Bom, então, eu vou ler, basicamente, o que foi já escrito por esse grupo de trabalho. Eu gostaria também de ressaltar que toda essa Audiência Pública foi indicada pelos técnicos da FEEMA. Não teve nenhuma entidade que solicitou a realização dessa Audiência Pública. A Audiência Pública pode ser feita por solicitação das entidades, o estudo foi distribuído para diversos órgãos, aqui para a Prefeitura, para a Câmara dos Vereadores, para o Ibama, para os órgãos técnicos do Estado e não nos chegou nenhum pedido de realização dos estudos. No entanto, o grupo técnico da FEEMA solicitou, e a CECA determinou, que se fizesse a Audiência justamente para que a Sociedade conhecesse esse impacto e esclarecesse as dúvidas, então, que nós pudéssemos anotar e enriquecer o nosso Parecer Técnico. Esse Parecer, então, é um Parecer de Licença Prévia; após esse Parecer, em sendo concedida a Licença Prévia, será então feito o Requerimento de Licença de Instalação; depois das obras instaladas e prontas, serão feitos os testes pré-operacionais do Empreendimento e, finalmente, a empresa partindo, produzindo já o álcool, será feita, então, a Licença de Operação, que terá todas as condicionantes necessárias para o bom desenvolvimento do seu aspecto econômico e, evidentemente, do seu aspecto técnico de proteção ambiental.

Nós dissemos isso e nós, em princípio, apoiamos a idéia e o local da apresentação dessa usina, e sem abrir mão de qualquer uma condicionante técnica. Nós seremos bastante rigorosos nas nossas condicionantes, nas nossas exigências técnicas, de forma que os senhores podem ter certeza que o meio-ambiente será

bastante protegido, e bem protegido, sob todos os aspectos operacionais do empreendimento.

Então, eu vou ler, basicamente, os pontos básicos que o grupo técnico chegou, que são as condicionantes dessa Licença Prévia.

Bom, em sendo concedida a Licença Prévia, o empreendedor, como eu já disse, terá a necessidade de apresentar o Requerimento de Licença de Instalação. Nesse momento, ele terá que apresentar os seguintes documentos... Nessa fase de Licença Prévia, nós não solicitamos os Projetos de Engenharia, nós não solicitamos detalhes de projetos técnicos, projetos de construção, projetos hidráulicos, projetos elétricos, nada disso é solicitado nessa fase. Nessa fase da Licença Prévia, é apenas solicitada a concepção; ou seja, como é que vai ser feito o tipo de tratamento de efluentes, como é que vai ser feito o tipo de tratamento de resíduos... Então, baseado nessas informações que foram apresentadas pelas Construtoras, nós aceitamos ou não aceitamos os Projetos que foram apresentados. Então, ele não tem detalhamento na Licença Prévia.

O detalhamento passa, então, a ser feito na fase de Licença de Instalação. Nessa, sim, é que são apresentados, então, todos os detalhes técnicos: como é que foram feitos, os padrões necessários... os padrões de atendimento das normas ambientais, das normas da ABNT, das normas de segurança que são necessárias.

Bom, então, durante o Requerimento de Licença Prévia, a empresa terá – no caso, a ABISA – terá que apresentar o Registro Geral da área total do Empreendimento; ou seja, a Escritura de Posse do Empreendimento, aonde vai ser colocada a usina. Depois: **(Lendo)**

“O Projeto Executivo” e o “Memorial Descritivo” da infra-estrutura do canteiro de obras, o *layout*, o sistema de drenagem, sistema de esgotamento sanitário, sistema de abastecimento de água”.

Então, vocês vejam bem que, na preocupação nossa, inclusive na fase de instalação do canteiro de obras, terá que ter todo o sistema de tratamento dos efluentes já implantado durante essa fase. **(Lendo)** “O Projeto Executivo e Memorial Descritivo das edificações e dos equipamentos, com os respectivos *layouts*”. “Projeto Executivo e Memorial Descritivo Alternativo do sistema combinado de águas pluviais, efluentes sanitários, efluentes industriais, de modo que não haja, sob hipótese nenhuma, extravasamento dos efluentes para o brejo existente próximo ao Empreendimento”.

Como já foi dito aqui, também, pela Consultora, os efluentes líquidos, o vinhoto, será usado na própria lavoura; quer dizer que não terá nenhum lançamento de vinhoto para o corpo receptor, para o rio, para nada, será usado pelo próprio sistema.

Outra questão, a questão que nós vamos exigir, é a questão do... é priorizar o reuso da água. Então, a água que vai ser usada, ela deve ser, toda ela, reutilizada pelo próprio Empreendimento, de tal maneira que a gente possa ter um lançamento mínimo para o corpo receptor, que no caso aqui, para o próprio Rio Itabapoana.

(Lendo)

“Projeto de Tratamento de Esgoto Sanitário em atendimento às normas 215, que é a diretriz de controle de carga orgânica e biodegradáveis, sistema de efluentes de origem industrial”.

“Projeto Executivo e Memorial Descritivo do Sistema de Drenagem”.

“Projeto Paisagístico, contemplando a utilização de espécies vegetais da região”. Em volta de todo o Empreendimento será exigida uma barreira, um cinturão verde e um projeto de... de... paisagístico, utilizando espécies vegetais da região.

“Projeto de Dimensionamento do Sistema de Circuito Fechado de águas de lavagem de cana para a remoção de sólidos sedimentáveis, especificando a quantidade dos sólidos removidos, descartes, normas eventuais de água, com previsão dos locais de destinação, sendo que, em caso do uso de re-irrigação, identificar as áreas de cultivo apresentando documento autorizativo quando a área pertencer a terceiros”. Então, é assim: se o vinhoto for lançado em área de terceiros, não pertencente à usina, terá, então, que ser apresentada a autorização do proprietário daquela área.

“Projeto do Sistema de Remoção de Sólidos, flutuantes e grosseiros, de palhas e pedaços de cana”.

“Projeto de Irrigação do Vinhoto, constando de Memorial de Cálculo, taxas de aplicação, caracterização do efluente, do solo, identificação das áreas de cultivo. Havendo terceiros como proprietários, apresentar documento de autorização, especificando o uso e responsabilidade das partes, e períodos de vigências”.

“Projeto de Sistema de Recirculação das Águas de Refrigeração em Geral: especificá-las, informando sobre a utilização de algicidas e bactericidas, bem como sobre a destinação dos descartes previstos e emergenciais.

“Balanço Hídrico das águas do processo dos efluentes líquidos gerados”.

“Destinação das águas de lavagem e de limpeza dos equipamentos em geral: identificá-las, quantificá-las e caracterizá-las”.

“Projeto de Controle de Emissão de particulados provenientes das caldeiras, por vias úmidas, conforme projeto, de modo que possa atender ao padrão estabelecido na Norma Técnica 570 da FEEMA, que cuida dos padrões de emissão de partículas das caldeiras e bagaço de cana”.

“Projeto Separador de Água e **(Ele titubeia neste momento)** e água, caixa de decantação e de rede pluvial, receptora de águas pluviais que arrastam sólidos resíduos... residual, óleos e combustíveis da área de abastecimento de veículos de produção, de modo a mitigar, conforme o projeto...

(Alguém toca a sineta e ele interrompe a leitura do documento)

Eu prometo que vou ser breve. Já sei que uma reunião, às vezes... como a reunião é uma reunião de caráter técnico, eu sou obrigado a fazer essas considerações. Mas, eu já falei com o presidente e falei, também, para os demais membros da Mesa, que eu serei bem breve, para que nós possamos, realmente, aproveitar a presença dos senhores, que vão nos questionar, fazer as perguntas que vão nos ajudar a terminarmos o nosso Parecer.

Então, terminando:

Serão, então, também exigidos “O Plano de Gerenciamento de Resíduos”, a identificação da estocagem de resíduos também... “Projetos da construção de diques de contenção junto aos tanques de produtos químicos”.... “Protocolo e Laudo da exigência do Corpo de Bombeiros, de modo a atender códigos de segurança quanto a incêndio e pânico:.... “Outorga para captação das águas do Rio Itabapoana”, que vai ser o rio que vai ser usado para utilização... “Cronograma Físico para todas as atividades a serem implementadas, devendo incluir as atividades de instalação, as atividades constantes do programa de implementação e conservação dos sistemas implantados... e o “Detalhamento dos planos de implementação das medidas mitigadoras”, listadas no estudo de impacto ambiental.

Também vamos exigir que, na elaboração do Projeto, sejam observadas: a Lei Federal 4.771, que institui o Novo Código Florestal, que tem todas as questões florestais que precisam ser discutidas; a Resolução CONAMA 313, que fala das áreas de proteção ambiental; todas aquelas áreas que forem atingidas pelo

Projeto deverão ser devidamente protegidas; atender a Portaria CECA 307, que fala sobre os critérios para a outorga de utilização de água; apresentar certidão da Prefeitura indicando o enquadramento da Lei de Zoneamento Municipal, dentre outros documentos necessários.

Bom, senhores, era isso, basicamente, que eu teria para falar. Eu estou à disposição para ouvi-los e para responder aquilo que for possível e nós, então, encerramos a nossa participação por aqui. E vamos, então, para a parte das perguntas que são apresentadas por todos.

Muito obrigado.

(Aplausos)

JUSTIEN – Agradeço a apresentação do Engenheiro Luiz Heckmaier. Nós estamos, cada vez mais, com uma quantidade de informação disponível para a elaboração das perguntas... já recebemos um bom número... E, para encerrar essa primeira parte, eu vou franquear a palavra aos integrantes da Mesa: ao Prefeito João Batista Magalhães, ao Presidente da Câmara, Paulo Roberto Pimentel, e o **Doutor Ogando**. Eu gostaria de saber também se a presença do Ministério Público, Federal ou Estadual, está aqui para que nós pudéssemos, então, integrar à Mesa. Gostaria também de pedir silêncio para que a gente possa dar seqüência. E que as perguntas sejam feitas e encaminhadas à Mesa. Okay? Okay, Prefeito, muito obrigado.

PREFEITO – Doutor René Justien, pelo qual cumprimentando, cumprimento os demais membros da Mesa, Doutor **Ogando**, este brilhante ex-vereador desta Casa, ex-deputado, Presidente da FENORTE... Presidente Paulinho do Adílio e demais vereadores desta Casa cumprimentando, cumprimento os demais vereadores e presidentes de câmaras de outros municípios... Prefeito Jair Bittencourt cumprimentando, cumprimento todos os Prefeitos presentes, autoridades militares, autoridades do Exército, Padre Vicente, ex-vereadores desta Casa, presidentes de associações de moradores... o corredor polonês, sempre presente nesta Casa... nossa comunidade aqui presente, estudantes, secretários de nosso município, público que nos assiste no conforto de seu lar, eu quero ser breve e dizer que o ser humano, ele vive por três motivos: de ilusão, de esperança e teimoso.

Esperança é, justamente, a construção dessa usina que, com certeza, será uma realidade. Com a construção dessa usina, a nossa comunidade, é uma esperança para aquelas famílias que, com certeza, entra cada mandato e sempre naquela esperança de emprego. Eu acho que essa é a nossa esperança porque, pelo menos, como vereador dessa Casa, ex-vereador, hoje, Prefeito em exercício, dezesseis anos como vereador nesta Casa, eu posso constatar que, praticamente, o nosso Município está parado no tempo. Ele, na verdade, com certeza, com a criação dessa usina, será uma alavancada muito grande para o nosso Município. E nesta Casa, tenho certeza, nós estamos acreditando, conforme também a nossa comunidade está acreditando. Então, eu quero dizer ao Doutor Ogando que tudo o que depender, enquanto eu estiver no Executivo, e também como integrante desta Casa, com certeza, o senhor poderá contar conosco.

Muito obrigado. Boa noite a todos.

(Aplausos)

JUSTIEN – Passo a palavra ao Presidente da Câmara, Paulo Roberto Pimentel.

PIMENTEL – Gostaria de convidar o Vereador Luciano Nunes para fazer uso da palavra em nome do Legislativo.

(Aplausos)

JUSTIEN – Bem, o Vereador Luciano Nunes, além de ser membro desta Casa, ele é o Presidente da

COPERCAM; posteriormente, eu pedi até uma abertura para que ele, então, falasse, porque a COPERCAM é uma entidade importante dentro do Empreendimento como um todo. Posteriormente, se o Presidente da Câmara quiser fazer o uso, está aberto.

NUNES – Senhor Presidente desta Audiência Pública, Doutor René Justien, Doutor Reickmeyer, Doutor Ogando, Presidente em exercício Batista Magalhães, demais proprietários e investidores da ABISA, senhores prefeitos de cidades vizinhas... cumprimentando o Jair, eu queria cumprimentar todos os prefeitos aqui presentes... cumprimentando todos os demais vereadores, os colegas, autoridades civis, Padre Vicente, autoridades militares... Eu aqui, eu não vou... com toda a liberdade que eu tenho com o nosso Presidente da Câmara, Paulo Roberto Pimentel, eu prefiro não falar como legislador e, sim, como Presidente da COPERCAM.

Esse Empreendimento, nós – o Doutor Ogando irá falar também – há três anos, nós estamos trabalhando nele, vencendo etapas e mais etapas. Acredito que essa de hoje seja mais uma etapa das que muito nós trilhamos, meus colegas da COPERCAM, o Engenheiro Sandro, o Técnico Evaldo, enfim, os produtores rurais de toda a região, que acreditaram no Empreendimento. Nós, quando surgiu esse desafio, nós tínhamos que montar uma cooperativa em tempo recorde, porque em Bom Jesus já predominou a cana-de-açúcar; então, hoje, seria uma replantação. Como que viria para aqui um empreendimento? A pessoa chegar aqui, construir uma usina, se não tem cana? Então, nós arregaçamos as mangas, junto com todos os colegas, fizemos diversas reuniões setoriais em distritos e municípios circunvizinhos – lá na Merco-Noroeste mesmo - enfim, tivemos o apoio maciço.

Então, surgiu a COPERCAM que servirá de base para a ABISA, porque as duas caminharão juntas. Quando se começar a construir a usina, a Cooperativa irá viabilizar o projeto de implantação das sementeiras e das lavouras canavieiras. Então, se a usina deve demorar dois anos para ser construída, três anos, é tempo suficiente para nós termos aqui os dez mil hectares de cana plantada e produzindo. Num raio de setenta quilômetros, foi feito um estudo de viabilidade econômica; então, do Vale do Itabapoana ao Vale do Muriaé, e até o Vale do Paraíba, serão beneficiados com esse Empreendimento.

Eu quero aqui, hoje, aproveitando a oportunidade, agradecer o apoio de todas as instituições – Colégio Agrícola, a ENCATER, a EMATER, a Universidade Rural, enfim... SEBRAE, Ministério da Agricultura, Federação de Agricultura, a comunidade de Bom Jesus, a sociedade civil organizada, que nos deu força, em conjunto, para nós chegarmos ao momento que chegamos. Eu quero desejar a todos uma boa noite e muito obrigado.

(Aplausos)

JUSTIEN – Gente, bem... Então, eu passo a palavra para o Doutor Ogando.

(Aplausos)

OGANDO – Boa noite a todos. Eu quero cumprimentar o Presidente Paulo Roberto Pimentel, Presidente desta Casa, meu amigo botafoguense, Paulinho do Adílio; cumprimentando o Paulinho, eu quero cumprimentar os demais vereadores desta Casa e dizer que, para mim, é sempre uma honra, uma satisfação estar presente aqui... Já fiz parte, fomos colegas aqui num mandato... Quero cumprimentar o nosso Prefeito, João Batista Magalhães, cumprimentar os vereadores dos demais municípios que estão aqui presentes, cumprimentar a Mesa, Doutor Heckmaier, Doutor René, nosso amigo, Doutor Luiz, da Macro Ambiente... cumprimentar nossos amigos aqui, prefeitos amigos, não é, da região, Jair Bittencourt, Manoel, de Itaocara... Jair, de Itaperuna, todo mundo sabe... o José Ilhem, de São José de Ubá... Demais Secretários que estão representando aqui outros prefeitos que, por motivo de compromisso na Capital, não puderam comparecer. Cumprimentar o Gilberto Machado, amigo de infância, de onde tudo começou; cumprimentando-o, eu quero cumprimentar os demais empresários que estão envolvidos, deixar um abraço aqui para o Doutor Ronaldo

Badim que, infelizmente, não pode estar aqui presente, mas mandou também um representante... Minhas Senhoras e meus Senhores... cumprimentar, aqui, os meus diretores da FENORTE, que compareceram aqui para nos apoiar, o Maurício, o Doutor Fábio, muito obrigado... o Doutor Alex, todas as autoridades aqui representadas, as autoridades militares, eclesiásticas – nosso amigo, Padre Vicente, também está presente... Agradecer a todos pela presença e dizer que realmente hoje é um dia muito importante para Bom Jesus.

“E uma noite histórica! Realmente, eu estou emocionado, porque tenho três anos nessa luta! Vencemos várias etapas, muitos sacrifícios, as vezes algumas críticas, mas eu quero deixar aqui o reconhecimento, o agradecimento a essa comunidade, a várias pessoas... Estou vendo aqui um senhor de chapéu, aqui na platéia, o Senhor Ivan Jardim. Ele participou desde a primeira reunião, lá no Colégio Agrícola; foi um plantador de cana na época da usina de Santa Maria e Santa Isabel, Senhor Ivan Jardim esta ali presente, mais uma vez! Senhor Ivan, dizer da nossa satisfação com a sua presença aqui, do seu testemunho que o senhor deu em outras reuniões, e dizer que, realmente, valeu a pena sonhar. Nós estamos bem próximos da realidade; estamos cumprindo, praticamente, a última etapa para a concessão dessa Licença que, todos sabem que não é brincadeira – o doutor Heckmaier aqui é que sabe... E, nessa oportunidade, agradecer, de coração, a participação do nosso Governador Sérgio Cabral, que abraçou a nossa usina e nos ajudou muito nesse processo; ao nosso Secretário de Meio-ambiente, agora Ministro Carlos Minc, foi colega nosso na Assembleia... Agradecer o Presidente da FEEMA, Axel Graef, agradecer aqui, na presença do Doutor Heckmaier, os demais técnicos, que sempre nos receberam muito bem e receberam sempre os empresários lá na FEEMA com carinho, com atenção... na verdade, eles foram os responsáveis por esse aceleramento, agora, da liberação da Usina Santa Maria.

Todos nós sonhávamos com esse dia, que o é dessa Audiência Pública que estamos realizando aqui, hoje, e agora aguardar essa Licença e contar com a boa vontade, o entusiasmo dos empresários que estão com a nossa usina, e dizer que, realmente, valeu a pena ter sonhado. E dizer para vocês que a usina, na verdade, ela não tem partido, a usina é a-política, ela é a-partidária, ela não tem dono. O dono da usina somos todos nós aqui presentes, todos nós! A usina é nossa, a ABISA é nossa; é nossa, é de Bom Jesus, é de Itaperuna, é de Itaocara, São José de Ubá, Apiacá, ou seja, é da nossa região. Vocês podem ter certeza disso, que, depois de consolidada a usina – palavras do nosso Governador - outros empreendimentos, outras indústrias virão para a nossa região.

Quero ser breve, não quero ser cansativo, deixar aqui meu grande abraço a vocês e agradecer, mais uma vez, essa oportunidade; agradecer o apoio da comunidade de Bom Jesus, agradecer a cada cidadão que acreditou desde o primeiro dia! São três anos nessa luta; muitos não acreditaram, mas valeu apenas ter sonhado. Estamos chegando, realmente, ao fim desse processo demorado, um pouco lento, que é a Licença Ambiental. Mas, estamos próximos, muito próximos de concretizar esse sonho de reverter aquele quadro, daquela migração depois que fecharam as duas usinas. As pessoas saíram daqui para procurar emprego na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Região dos Lagos, região de péssima qualidade, problemas de violência, insegurança. Eu sou um testemunho, eu fui nascido e criado na Usina Santa Maria, presenciei aquela fase áurea. E presenciei também agora essa fase ruim; hoje, para algumas pessoas que ainda não sabem – hoje, ainda saem cinco ônibus da Usina Santa Maria, saem em torno de três a quatro horas da manhã: eles vão trabalhar primeiro na Usina de Paineiras, em Cachoeira de Itapemirim, ou eles estão indo para Sapucaia. Eles saem entre três e quatro horas da manhã e retornam entre sete horas da noite, para manter as suas famílias. E nós assumimos compromisso com eles, este foi o nosso grande desafio, nosso grande projeto político: trazer emprego e renda para que essas pessoas não possam ficar a maior parte do tempo trabalhando e viajando e correndo risco de vida nessas estradas para procurar um sustento para sua família. Pois, eles o terão num futuro bem próximo: uma usina aqui do lado! Estaremos, com isso, recuperando nosso poder econômico e social da nossa região, que será, com certeza, a redenção econômico-social não só de Bom Jesus, mas de toda a região, inclusive o sul do Estado do Espírito Santo.

Muito obrigado, gente, por tudo, muito obrigado pelo apoio.

(Aplausos)

Desculpe, gente, pela emoção; mas, eu não poderia deixar de agradecer a todas aquelas pessoas que acreditaram e fazer um agradecimento especial aqui ao nosso ex-prefeito, Carlos Borges Garcia, que em 90, ele teve... **(Aplausos)** Ele teve essa visão e desapropriou aquela área para futuras instalações de indústrias ali, naquela região; e olha só: ele estava Prefeito quando foi pedida pela ABISA aquela área ali, que foi desapropriada e ele cedeu, com o apoio – e agradecer aqui também o Presidente da Câmara, João Batista Magalhães e demais vereadores que aprovaram também esse Projeto; agradecer, em especial, a Luciano Nunes, que teve um papel muito importante nisso aí.

Então, muito obrigado mais uma vez e desculpe.

(Aplausos)

JUSTIEN – Bem, gente, dando aqui seqüência anuncio a presença de Senhor Adão Faria, Presidente da ACIF, de Campos; da Universidade Rural de Campos dos Goytacazes, Jair Ramalho.

Bem, a gente vai abrir a segunda fase. A gente vai agora apresentar as perguntas efetuadas; ainda esta aberto para o encaminhamento de outras, com essas falas que houveram agora, não é...?! Depois, a gente vai franquear a palavra a todos; lógico, dentro de um tempo curto, porque a Audiência Pública tem um tempo estabelecido.

Eu gostaria de fazer a pergunta Numero 1. As pessoas têm que responder no microfone, porque toda a Audiência é gravada, tudo será transcrito depois, e constará dos autos do processo; as perguntas também estarão lá.

Quem fez a pergunta foi Heraldo Saluto de Rezende; é a pergunta Numero 1: “o Rio Itabapoana passa por uma grande transformação no seu leito e curso, devido a instalação de várias usinas hidrelétricas, que certamente provocará um razoável desequilíbrio no seu curso natural. Qual o compromisso a ser assumido pelo Empreendimento para que o nosso Rio Itabapoana não venha a sofrer mais danos?”. Gostaria, então, que a Macro-Ambiente respondesse.

LUIZ RICARDO – Veja bem: a questão sobre a água. A usina consome um volume significativo de água na sua operação. A captação da água esta prevista para ser no Rio Itabapoana, num ponto que já foi vistoriado pela equipe da FEEMA, aonde tem-se características favoráveis; essa captação 'e formalizada e legalizada dentro da Lei; o uso dessa água vai ser, conforme vocês viram nos filmes e projetos que são requisitados atendendo a toda legislação, de forma que haja a maior circulação de água possível para que não retorne água de forma a comprometer a qualidade do rio.

JUSTIEN – Eu gostaria de ver como Senhor Heraldo se atendeu, ou se ele quer comentar mais alguma coisa, ou...? Okay? Okay!...

Bom, dentro da mesma linha, tem aqui o Senhor Paulo de Azevedo: “minha preocupação” – é a pergunta Numero 2 - “é com a poluição do ar e do Rio Itabapoana. Quais os projetos para evitar essas poluições que serão desenvolvidos? Qual a garantia que a população terá sobre a eficácia dos mesmos?”. Acho que uma parte com relação à poluição da água foi já dita, então eu gostaria de falar sobre a parte de poluição atmosférica.

LUIZ RICARDO – Como todo... qualquer parte desse complexo industrial, a responsabilidade do Empreendedor e a operação dela está garantida para a sociedade nos fundamentos da aplicação da legislação e da avaliação, das recomendações e das exigências que a FEEMA faz. Então, está prevista a utilização de filtros de gases, monitoramento de particulados, enfim, toda a tecnologia disponível capaz de

assegurar e de mitigar esse impacto, conforme nós já falamos. E foi falado das exigências pelo Senhor Heckmaier; vão ser atendidos. A garantia dos senhores são as Licenças Ambientais, hoje Prévía, nesse momento em que se está preocupado com poluição. O que a gente chama a última licença vai ser a Licença de Operação, em que a validade dos equipamentos instalados vão ser auferidos pela FEEMA. Com relação, ainda, à água, a preocupação da água, a gente deixou bem claro e foi salientado também que não está previsto retorno de efluente, qualquer esse, que seja retornado para o rio sem o tratamento prévio dele; tratamento de água, de efluente líquido, aquele que não puder ser usado na ferti-irrigação vai ser, também, devidamente tratado.

JUSTIEN – Bem, eu gostaria de saber com o Senhor Paulo de Azevedo se ele quer comentar ou se está tudo okay? Está tudo okay? Okay, vamos para a terceira pergunta. Edson Teixeira da Fonseca: “Qual será a origem, ou o sistema que será utilizado agora...” - desculpe - “Qual será a origem ou o sistema que será utilizado água da produção da usina? Será realizado o reaproveitamento da água utilizada?”.

LUIZ RICARDO – Bom, acho que essa pergunta está bastante parecida com a pergunta anterior, não é?!

JUSTIEN – Exatamente...

LUIZ RICARDO - A origem da água: Rio Itabapoana, uso outorgado, legalizado... O processo industrial: o circuito fechado de lavagem de cana e a reutilização do efluente na ferti-irrigação. Gostaria de lembrar aos senhores também que, junto com esse encarte, em que os senhores têm a oportunidade de questionar... neste folheto informativo, bastante informação tem aqui para subsidiar muitos dos questionamentos que possam estar aí, na cabeça de alguém ou que tem até alguma correlação com as perguntas que estão sendo feitas.

JUSTIEN – Okay, eu gostaria de saber do Senhor Ézio se está... se está...

EDSON – A pergunta já tinha sido respondida na primeira questão sobre o aproveitamento da água, se vinha de artesiano ou de outra forma... e aí, foi do Rio Itabapoana, a captação da água para que seja utilizada na usina; foi essa pergunta que eu... a minha idéia aí foi essa.

JUSTIEN – Atendeu a sua...?

EDSON – Atendeu plenamente, plenamente.

JUSTIEN – Muito obrigado, hein, Senhor Edson. Eu gostaria também de comunicar aqui a participação do Presidente da Associação Fluminense dos Plantadores de Cana, Senhor Eduardo Crespo. Vamos para a quarta pergunta: Alexandre de Alcântara está aí? Está, não é? (Lendo) “Diante de um dos maiores processos de autorização junto aos órgãos ambientais e de defesa civil do Estado e do Município e sendo de relevância a evolução dos estudos e pesquisa nas áreas de meio-ambiente e defesa civil, qual será a importância do incentivo nessas áreas quanto à qualificação profissional e a sua difusão?”. Senhor Doutor Gilberto.

MACHADO - Como nós tínhamos dito no passado, nós reservamos todas as condições para sermos fundadores e implantadores de uma unidade como a ABISA. Nós temos aqui a Escola Técnica rural, que sempre foi a nossa anfitriã nas nossas reuniões, que, com certeza, será extremamente utilizada, assim como o SEBRAE, a FAERJ, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, todas as entidades que se agregaram em torno desse empreendimento denominado ABISA. Então, não resta dúvida de que nós vamos qualificar todas as pessoas que residem no entorno da usina, para aproveitar essa mão-de-obra. Exemplo, tratorista: há algum tempo não temos uma quantidade expressiva de tratores; nós vamos utilizar a mão-de-obra local. Só para dizer a que ponto chegaremos, nós vamos preparar Bom Jesus e o Vale do Itabapoana, o Vale do Muriaé, para ser, efetivamente, o explorador e o tocador desse negócio chamado ABISA.

JUSTIEN – Senhor Alexandre, o questionamento foi atendido? Okay, obrigado. A pergunta Número 5 também é semelhante a que o Senhor Alexandre fez. Gostaria de falar do Senhor Heraldo Saluto de Rezende. “A empresa firmará compromissos em assumir a absorção máxima da mão-de-obra, qualificada e não qualificada, cortadores de cana, disponível no nosso Município, sede do Empreendimento, evitando a importação de mão-de-obra de outros estados, principalmente a de trabalhadores em qualificação?”. Acho que o próprio Senhor Gilberto pode responder.

MACHADO – No fôlder que os senhores receberam, na primeira página, tem uma pequena seqüência de fotos aí. A primeira mostra “capacitação”; segunda, “pesquisa”; terceira, “o passado”; quarta, o futuro”. Todo esse processo de capacitação será voltado primeiro para a região. Só naqueles casos de extrema ausência profissional, ou mão-de-obra muito qualificada, por exemplo, o mecânico de uma colheitadeira, por exemplo; esse elemento, com certeza, será importado, não para ficar eternamente, para ensinar um nosso, que vai continuar o trabalho dele aqui.

JUSTIEN – Senhor Aldo, tem alguma dúvida? Okay? Tudo bem. A sexta pergunta, do Senhor Samuel Júnior, vereador: “Do total do investimento, quantos por cento será destinado ao financiamento aos proprietários, ou, aos produtores? O que representa, por valores e por hectares?”.

MACHADO - Vereador, essa pergunta é uma covardia, porque quase cem por cento é do campo! Veja bem, num primeiro momento, o investimento inicial, na Fase 1, está estimado em torno de duzentos e cinquenta milhões de reais; setenta milhões irá para o campo. Só que tem um detalhe; a latoria aguenta um tempão e o campo tem que ser lavrado todo ano, precisa ser preparado, reconduzido, ser mantido... Você tem o plantio, você tem a cultura, você tem a manutenção. Então, no final do exercício da nossa vida, da nossa geração, com certeza a ferragem vai ter recebido um por cento desse investimento total. Está respondida a pergunta, Vereador?

JUSTIEN – Okay, Vereador, tudo bem? Sétima pergunta, Elma Soares Cardoso Abreu de Oliveira. Ela está aí? Okay. **(Lendo)** “Qual o percentual que será destinado ao Erário Municipal para a recuperação do impacto ambiental?”.

MACHADO – Bom, outra vez eu vou fazer menção ao fôlder. Em sua página interna, “Ações culturais e educacionais”: **(Lendo)** “A melhoria contínua do complexo exigirá sempre a conquista de certificados, como o ISO 9001, 2000, ISO 14.001...”. Gente, para alcançar esses certificados é necessário que exista uma união e junção de forças políticas, sociais, comunitárias, etc., senão nós não conseguimos implantar isso aí. E, logo a seguir: “Serão implantados pomares, parques e jardins para serem utilizados pelos habitantes da região”. E, mais à frente, nós colocamos o seguinte: “A luta pela conquista do mundo maravilhoso, com certeza, será a principal atividade do complexo agro-industrial ABISA”. Então, vão existir as associações dos trabalhadores, vão existir a associação, como já existe a COPERCAM, a Cooperativa dos Produtores de Cana-de-açúcar, e cada um vai participar de um fórum para saber onde aplica o recurso destinado ao Fundo de Preservação do Meio-ambiente. Porque, gente, veja bem: nós só vamos conseguir preservar o meio-ambiente, se a comunidade estiver totalmente integrada com a gente. Não adianta nós irmos lá e mitigarmos soluções. Por exemplo, eu vou lá e tiro uma árvore que está doente, está danificando determinado pomar e vamos embora. Se alguém não estiver lá para transformar-se num guardião e ver que tem uma outra árvore infectada que vai infectar as demais árvores, ou cana-de-açúcar, esse negócio vai ser destruído. Então, a César o que é de César. O Poder Público já vai receber o seu quinhão através dos impostos, tributos federais, municipais, ran-ran-ran, e cada um já tem aonde aplicar os seus recursos. A ABISA terá um trabalho efetivo em união, em parceria com as prefeituras regionais, locais, com as comunidades, para aplicar efetivamente nessas ações de preservação de meio-ambiente. Não existe condições de ter meio-ambiente preservado, se não houver participação de cada um de todos nós.

JUSTIEN – O Engenheiro Luiz Heckmaier vai fazer uma complementação.

HECKMAIER – Ainda com relação à pergunta que a Senhora Elma fez, eu gostaria de dizer o seguinte: está previsto, em todo o estudo de impacto ambiental, um percentual, que vai de 0,5% a 1,1% do valor do investimento para aplicação em unidades de conservação; quer dizer, todo esse Empreendimento terá que ser destinado um valor, que vai ser ainda determinado nesse percentual que eu falei para os senhores e esse percentual será usado, justamente, para recuperação de áreas que forem degradadas, áreas que vão ser preferencialmente destinadas à preservação ambiental na região do Empreendimento.

JUSTIEN – Dona Elma, a senhora gostaria de...? Está atendido? Obrigado. A Senhora Jamaica A. S. Cabral: “Proprietários de sítios vizinhos poderão fornecer cana-de-açúcar para a usina?”.

MACHADO – Com certeza! Que hajam mais sítios e vizinhos proprietários oferecendo cana, porque, quanto mais cana nós tivermos, maior será a performance da nossa usina.

JUSTIEN – Okay? Esta resposta está atendida? Obrigado. Pergunta Número 9: “Pelos estudos já realizados, qual será a relação do novo empreendimento (planta industrial), com as pequenas empresas já instaladas no parque industrial da Nova Bom Jesus? Obs.: as empresas têm pouco a ver com a atividade, álcool e açúcar?”.

MACHADO – Bom, no mínimo, seremos vizinhos. E, como bons vizinhos, não vamos tampar pedra um no outro, não é?! Seremos bons vizinhos. E tudo aquilo que o complexo necessitar, a primeira opção é apoiar aquelas pequenas empresas. No caso de prestação de serviços, fornecimento de material, etc., etc., etc., é apoiar aquelas empresas nas cercanias do complexo, porque, quanto mais rico for esse complexo, mais fácil fica a gestão desse complexo.

JUSTIEN – Bem, eu prometi mais uma fala aqui, não é...?! Quem fez a pergunta foi o Senhor Jorge Alberto de Almeida. Eu gostaria de saber se ele gostaria de complementar alguma coisa ou se estaria atendido? Okay, obrigado. Tem uma pergunta também, aqui, da Senhora Nely Barbosa, que eu acho que é mais uma moção, mas, vamos ver: “Parabenizo a iniciativa de alavancar, retomar e resgatar a sua vocação agrícola, como a da cana. Mas, teremos trabalho na safra e na entre-safra, mas sabemos que dá uma parada. Se há projeto para uma agricultura alternativa e que na região não temos abacaxi, maracujá, e, na área social, para as comunidades vizinhas, qual seria o projeto para essas comunidades? Temos quase três mil hectares na Nova Bom Jesus e Santa Isabel, carentes de projetos sociais e culturais”.

MACHADO – Bom, senhora, eu... sinceramente, eu não tenho nem palavras para responder essa pergunta, porque eu estou envolvido sentimentalmente com isso. Os senhores não tenham dúvidas – sem dúvidas! Todos os nossos parceiros que estão envolvidos nisso, o principal elemento é a atenção social. Porque, nós descobrimos também, que não existe mais empresa sem que ela seja responsável ambientalmente e responsável com tudo aquilo que o cerca. Não existe mais espaço para empresários que não entendem que não existe desenvolvimento econômico sem desenvolvimento social; portanto, enquanto nós, os atuais donos da empresa, estivermos à frente disso - e esperamos que isso seja por muitos e muitos anos - não tenho dúvida; vai ser até brincadeira. Me faz lembrar, um pouquinho, o Jorge Pereira Pinto, lá no passado, o senhor Ivan Jardim sabe perfeitamente do que eu estou falando.

JUSTIEN – Okay, Dona Nely? Okay? A senhora gostaria de complementar?

MACHADO – Só para completar a pergunta: a senhora falou também sobre o problema da entre-safra. Nós tentaremos não ter entre-safra. Nós vamos trabalhar... Agora é a Fase 1, o setor suco-alcooleiro; depois, vem a Fase 2, que deverá ser o setor biodiesel; e a Fase 3, que é a de recuperação das áreas degradadas e aproveitadas com eucalipto, ou outras plantas nativas que possam render produtos de alta versação econômica para a região. Então, portanto, não vai haver demissão como antigamente. Esse processo será cuidado dessa forma.

JUSTIEN – Okay. Dona Nely?

NELY – Eu agradeço a resposta e, quando o senhor diz que plantas nativas ou o eucalipto... plantas nativas... o eucalipto, ele tira o lençol freático, e nós precisamos é de água.

MACHADO – Com certeza!...

NELY – Quanto ao projeto social, eu fico muito grata. Sou moradora da Nova Bom Jesus, faço parte da Associação, e essa declaração do senhor faz dar uma esperança, não só a Bom Jesus, mas também à usina Santa Isabel, que é carente, realmente, desses projetos sociais, principalmente, culturais. Obrigado.

MACHADO – Eu acho que, deixando a emoção de lado, não é que sejamos nem bonzinhos, nem ruins. Não existe mais desenvolvimento econômico sem desenvolvimento social; essa é a premissa básica da empresa.

JUSTIEN – Bem, olha só: nós já estamos chegando à última pergunta... Eu gostaria que, se alguém tivesse que elaborar mais, o fizesse, para a gente dar seqüência. Eu também gostaria de, depois, franquear a palavra, mas que as pessoas se inscrevessem para isso; franquearei, em seguida, a palavra, aos prefeitos presentes aqui, aos vereadores e, depois, alguém que esta aqui presente participando desta Audiência Pública, que se inscrevesse para poder fazer alguma moção, alguma coisa.

Pergunta Número...11. 'E do Senhor Jarbas Teixeira Borges Junior: “Com a instalação da usina, será transferido o lixão municipal?”.

MACHADO – Nós temos... Outra vez, eu volto ao folheto. Diz lá que nós vamos cuidar de pomares e etc., etc., para a região, e uma das áreas que nós vamos pleitear, com certeza, é essa área do lixão para que a gente possa cuidar disso. Isso é um passivo ambiental muito sério, não se resolve de um dia para o outro, sabemos que o investimento vai ser muito alto, mas não existe condições de colocarmos a usina ali, com aquele lixão; isto é muito importante frisar.

JUSTIEN – Bem, sobre isso, eu também gostaria de falar mais alguma coisa.... Há um projeto da CECA que se chama Pro-lixo, que envolve a Secretaria de Estado. Então, já está previsto o consorciamento da elaboração e construção de aterros sanitários, agrupando alguns municípios. Acho que, em breve, também terá uma solução lá para a questão do lixão.

HECKMAIER – Só para complementar também, o seguinte: nós não podemos permitir que uma atividade do porte da usina tenha o lixão. A cidade de Bom Jesus terá que dar solução para os seus resíduos sólidos domiciliares. Então, se Bom Jesus quiser manter aquele local, como já tem o passivo ambiental, ele terá que transformar aquele lixão em um aterro sanitário, onde, então, essa palavra não mais existe; não vai mais ser chamada de lixão mas, sim, de aterro sanitário, que é uma técnica correta de destinação de resíduos, onde tem todos os sistemas de controle implantados.

JUSTIEN – Senhor Jarbas, esta okay? Número 12... Oi? O senhor quer falar? Okay, Senhor Jarbas.

BORGES JUNIOR – A grande preocupação – porque, eu também faço parte do número de pequenos empresários da Nova Bom Jesus – é que, pela manhã, às sete, oito horas, é difícil até trafegar pelo lixão municipal. Então, a gente tem uma preocupação no investimento que vai se fazer uma usina e não se tratar essa questão do lixão. Os nossos colegas, os técnicos da FEEMA, devem ter observado isso pela manhã: a grande fumaça na RJ-230. Isso daí influencia. Nós estamos também... aproveito a oportunidade dessa Audiência Pública, porque nós estamos gerando cento e vinte empregos, dez por cento da capacidade da nova indústria. Então, acho também que é até uma oportunidade aqui, onde tem tantas autoridades. Nós não podemos esquecer que nós, que já estamos lá instalados, com bastante dificuldade de infraestrutura nas pequenas empresas que já existem lá. Geramos cento e vinte empregos, estamos desenvolvendo o interior

do Estado do Rio de Janeiro. Então, essa é uma... além da minha participação nessa Audiência Pública, essa preocupação com o futuro, mas também, pensar um pouco nos colegas, nos empregos que estão sendo gerados, hoje, lá. Muito obrigado pela participação.

HECKMAIER – Obrigado pela sua participação, nós vamos fazer constar da Ata da reunião, e vão ser tomadas exigências futuras à Prefeitura de Bom Jesus, no sentido de reparar esse dano ambiental.

JUSTIEN – Okay? Vamos lá, para a décima-segunda. Sebastião Coroya, vereador: “ se próximo à usina tem condições de construir um parque ecológico, como área de lazer?”.

MACHADO – Com certeza! Na Usina Santa Maria existia a granja... Não tem mais pessoas, só o Senhor Ivan Jardim... Eu e Ogando eramos crianças quando nós íamos brincar na granja. Então, tem que existir! Não existe forma de criar um mundo maravilhoso e funcionários e pessoas colaboradoras felizes, se não houver meios de fazer as pessoas, realmente, serem felizes. Então, não se preocupe, que esta 'e uma das ações sociais constantes, será uma ação social constante desse Empreendimento.

JUSTIEN – Você quer falar? Ronaldo, a palavra aqui, para o Vereador Sebastião.

COROYA – Eu entrei com requerimento pedindo essa área de lazer porque a gente não pode esquecer também do lazer, que ali foi adaptado muitas fábricas e agente sabe que tem poluição; não é o caso da usina, que já foi esclarecido. Nós, aqui em Bom Jesus, não temos uma área de lazer e isso aí é muito importante para as pessoas que querem levar os seus filhos para passear, pessoas carentes, e pessoas idônea, que quer sair de casa domingo para poder refrescar a memória, a idéia... Então, eu gostaria de aproveitar hoje, que tem muita autoridade presente: nós temos aqui nosso Douro Ogando, que representa Bom Jesus, lá embaixo, temos vários prefeitos... Prefeito Batistas Magalhães e vários vereadores que batalham com a gente aqui, no dia a dia... Temos padre aqui presente, o Padre Vicente, e temos muita autoridade presente que poderia nos ajudar nessa área, nesse requerimento que foi feito, porque a gente não pode esquecer do bem-estar do povo. Vamos fazer fábrica? Vamos, mas vamos também pensar no lazer e na despoluição do ar. É só isso; obrigado pela ajuda de todos vocês, que eu sei que isso aí, através dessa Audiência, nós vamos construir esse parque lá em Santa Isabel, o que vai ajudar muito o povo de Bom Jesus e as comunidades vizinhas, que aonde, no centro do Rio de Janeiro, nós temos lá, no Campo de Santana, um parque que serve até para a gente esperar o comércio abrir, que muitas vezes viajei para lá, onde eu comerciava as minhas mercadorias, e esperava abrir o comércio naquele parque, então, meu sonho foi, toda a vida, construir na nossa comunidade de Bom Jesus esse parque. E conto com a ajuda de todas as autoridades presentes para que saia esse parque. Obrigado.

JUSTIEN – Okay, Vereador, muito obrigado. Pergunta Número 13, do Senhor Fábio Pimenta Gomes. Eu gostaria que ele fizesse a pergunta pelo microfone porque a gente está tendo um pouco de dificuldade de entender a letra...

GOMES – A minha pergunta é o seguinte: o que eu vejo em torno da usina a possibilidade de, daqui a uns tempos, de olha, é cana pura, só cana. Então, na mata legal, na reserva, como vai ser, se a usina tem interesse em fazer parceria, fazer financiamento, a algumas pessoas que tenham interesse na mata legal, porque, hoje, eu vejo: quando fala-se numa reserva, ela tem que estar legalizada. E, para a gente legalizar, tem que ter dinheiro e proprietário nenhum tem condição de desviar um dinheiro da propriedade para poder legalizar uma reserva.

MACHADO – Seremos bons vizinhos, sem dúvida nenhuma. Existe um planejamento na usina de dar todo o processo logístico de manutenção e prevenção do... aliás, prevenção, manutenção e correção do meio-ambiente. A fase onde a usina envolve o processo sucroalcooleiro – já nessa Fase 1, serão recuperadas matas ciliares em volta dos ribeirões e rios na área de abrangência da usina. Então, por exemplo, o senhor tem uma propriedade e vai plantar cana conosco, ou vai fazer qualquer atividade... porque, na segunda etapa,

vem outra indústria; na terceira etapa, outra indústria. Nessa primeira etapa já, se o senhor for plantar cana, que é a etapa sucroalcooleira, com certeza o senhor vai ter total apoio na solução do processo, do problema das suas matas ciliares. Essas matas, hoje – no carro, vínhamos conversando, eu, Michel, Jorge... eu, Michel, Edmar e a turma – um negócio interessante: não sei se vocês sabem, no passado, aqui, a gente ia na beira do rio pegar ingá, tamarindo... e, hoje, esses produtos são fontes, não de alimento, mas de grandes receitas. Quem sabe, num trabalho integrado efetivo, como estou vendo aqui, de comunidade, nós não vamos preparar pequenas soluções de receitas a partir desse movimento? Muito obrigado.

JUSTIEN – Senhor Fábio, o senhor gostaria de complementar alguma coisa? Okay. É a última pergunta; se tiver mais alguma, ainda está aberto e, depois, a gente encerra. É a pergunta Número 14, Senhor Alexandre de Alcântara: “Será exigido, dentro do plano de contingência, um plano de emergência numa situação de anormalidade? Poderá ser elaborado por profissional da região, se qualificados?”.

MACHADO – Com certeza. Eu, num discurso passado, já havia dito o seguinte: perguntaram o quê que seria o futuro das... Eu gostaria de falar o seguinte: os nossos jovens iam embora, foram embora, como é o meu caso, por exemplo. A nossa competência foi embora, a renovação foi embora! Então, independente da qualidade das pessoas, da capacidade das pessoas que aqui estão, as que vão nascer a partir daí, com certeza, serão preparadas nesse novo movimento, nesse novo entorno, nesse novo formato de vida. Eu falei agora há pouco sobre deixar um legado para os nossos herdeiros e gerações; então, isso que eu quis dizer! Amanhã, nasce o filho do Senhor Manoel e esse elemento, antes, não tinha o que fazer. Aqui, não: ele vai ser preparado para desenvolver a região dele, seja dentro do setor do complexo agroindustrial, seja numa atividade independente; mas, com certeza, aquela inteligência vai estar aqui e, quem sabe, não vão surgir aí novos Robertos Silveiras, etc., etc. etc.

Agora, só para encerrar, para dar um selo em todas as respostas que eu dei... Eu não conhecia direito a FEEMA; eu ouvia falar da FEEMA, utilizei da FEEMA uma vez num empreendimento imobiliário que eu fiz em São Pedro da Aldeia – eu construí lá trezentas e poucas casas e precisava da aprovação da FEEMA. Gente, sinceramente: surpresa agradabilíssima! Nós teremos a cada dia, com certeza, um fiscal dessas nossas ações. Então, nós trabalhamos um pouco mais tranqüilos por sabermos que nós estamos tendo uma consultoria gratuita de como deveremos nos comportar para que esse mundo maravilhoso realmente aconteça. Então, este é o selo de todas as respostas que eu dei a respeito dessa Audiência.

(Aplausos)

JUSTIEN – Okay, obrigado. As perguntas se encerraram. Tem mais alguma?

ALGUEM (Longe do microfone) Tem mais uma, esta terminando.

JUSTIEN – Então, vamos a mais uma. Acho que agora a gente encerra a fase de perguntas, então, não é? Se chegar mais alguma enquanto eu leio esta, a gente aceita. Pergunta Número 15, da Dona Nely Barbosa: “A monocultura é uma faca de dois gumes, pois já houve no passado e, hoje, temos muitas áreas degradadas. Essas áreas serão recuperadas? E, no futuro, teremos novamente estes sabores?” .

MACHADO - Só para a primeira resposta: vamos plantar... Eu disse agora há pouco que nós vamos formar diversos complexos para ocuparmos os doze meses do ano, e não existe condições de fazermos isto, se nós não partirmos para a pluricultura. Um exemplo muito simples: nós vamos refrescar os canaviais, por exemplo, com girassol! Vamos refrescar a terra em que nós plantamos o canavial, com girassol. O girassol gera óleo de girassol, ou pode ser, quem sabe, biodiesel, **orevar**, não importa. Outras terras, de acordo com a pesquisa – porque a pesquisa é muito importante – de repente, vão plantar abacaxi, maracujá... vai depender do que o solo nos fala. Portanto, esse complexo agro-industrial jamais será de monocultura.

JUSTIEN – Dona Nely, a senhora quer acrescentar alguma coisa? **(Ela começa a falar da platéia, mas**

quando lhe passam o microfone, já dispensa falar) Okay, muito obrigado, sim! Bem, gente, então, a gente encerrou essa parte. Eu vou abrir a palavra aos prefeitos que aqui estão e, num ato democrático, eles elegeram o Prefeito de Itaocara, Manoel Faria, que falará em nome do Prefeito Jair Bittencourt e do Prefeito José Ilhem, de São José de Ubá, que honra aqui com a sua presença.

FARIA – Boa noite a todos. Para mim 'e um prazer muito grande poder estar aqui participando dessa Audiência Pública, onde estamos tratando de um assunto tão relevante. Quero cumprimentar o Prefeito Batista Magalhães, parabenizar pela sua cidade, cumprimentar o Doutor Ogando, Presidente da FENORTE, também ex-vereador desta Casa, ex-deputado estadual, tenho certeza, Doutor Ogando, que Bom Jesus se orgulha muito de te-lo como cidadão e como representante, como líder dessa região... Cumprimentar o Doutor René e, cumprimentando ele, eu cumprimento também todos os funcionários de FEEMA, todos os técnicos da FEEMA, que vêm participando desse processo de licenciamento ambiental... Cumprimentar os integrantes da empresa que fez esse Relatório de Impacto Ambiental... Fazer uma referência especial ao nosso amigo Jair Bittencourt, Prefeito de Itaperuna, José Ilhem, Prefeito de São José de Ubá... Fazer uma saudação aos vereadores de Bom Jesus, na pessoa do nosso Vereador Paulo Pimentel, nosso amigo Paulinho do Adílio... E cumprimentar também, de forma especial, a todos os empresários, todos os líderes comunitários, presidentes de associação de produtores rurais de Bom Jesus de Itabapoana... E dizer para vocês que, a nossa região, como um todo, ela sempre teve uma vocação muito forte para a agricultura; uma vocação que, no passado, levou o Estado do Rio de Janeiro, dentro de um cenário econômico nacional, como um estado altamente produtor, principalmente no segmento da cana-de-açúcar e do álcool. O meu município, por exemplo, Doutor Ogando, nós tivemos uma época de termos, em Itaocara, funcionando seis destilarias de aguardente, seis destilarias de cachaça, que, ao longo dos anos, devido às secas prolongadas da região, devido aos problemas de gestão administrativa, de sucessão de pai para filho, o que é um dado complicado no segmento de qualquer investimento, de qualquer empresa, infelizmente, nós não conseguimos ver a sobrevivência daquele segmento, sucroalcooleiro também, mais direcionado para a fabricação de aguardente. Hoje, nós temos apenas uma usina funcionando em Itaocara, que ainda tem a marca tradicional da cachaça itaocarina. Portanto, é muito importante que nós possamos, hoje, estar vendo aqui em Bom Jesus – foi um dos grandes motivos da minha satisfação em atender o convite do Doutor Ogando, de vir aqui participar dessa reunião – em a gente ver que, na nossa região, nós estamos ressurgindo com os nossos investimentos históricos e que fizeram também os processos de produção na área de açúcar e na área de álcool, na área de aguardente, que fizeram um grande progresso, no passado, em toda a nossa região. É importante que nós tenhamos, acima de tudo, Doutor Ogando, e acima de tudo, Prefeito, a lealdade política dos vereadores, das representações políticas na nossa região, para que nós possamos estar sempre reivindicando, a nível de Governo Federal, a nível de Governo do Estado, incentivos fiscais para a nossa região e mostrar para os empresários que a nossa região, hoje, é uma região que possui uma logística adequada para novos investimentos. É uma região que, hoje, está bem posicionada geograficamente, o que facilita o escoamento de produção. Temos uma região banhada por importantes rios, importantes bacias hídricas que vão favorecer na irrigação dessas lavouras. Então, sem dúvida, povo de Bom Jesus, vocês estão, hoje, dando um importante passo, não só para o município de vocês, mas para toda a Região Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, que está recuperando a sua vocação produtiva na área de açúcar e de álcool, na área de aguardentes. E, esse exemplo que está sendo dado aqui hoje, vocês podem estar certos, esse exemplo será copiado por vários e diversos municípios. Eu quero, aqui, fazer um convite aos empresários e cumprimentar, inclusive, pela sensibilidade de estar investindo num município próximo como Bom Jesus, um município de terras férteis, onde vocês vão alcançar, dentro da lavoura de cana-de-açúcar, índices de produtividade que não deverá deixar a desejar a nenhuma região desse Brasil. E fazer um convite a vocês, dentro do segmento empresarial do Estado do Rio de Janeiro e dos demais estados brasileiros: que venham para o Estado do Rio de Janeiro, que venham para o Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, pois aqui vocês irão encontrar um povo trabalhador, uma mão-de-obra qualificada e vocês irão, com toda certeza, trazer para dentro desse parque industrial índices de produtividade comparáveis aos das melhores regiões desse país. Parabéns ao povo de Bom Jesus, parabéns ao Doutor Ogando pela iniciativa, parabéns ao Prefeito Batista Magalhães e a todas as lideranças dessa região e dessa cidade, porque vocês acabam, nesta noite, de dar um grande passo na direção da história do progresso dessa região. Muito obrigado.

(Aplausos)

JUSTIEN – Okay, muito obrigado. Gente, dando seqüência, eu vou, agora, franquear a palavra aos vereadores que aqui estão e, depois, também vai estar aberta às pessoas da plenária. Depois, as pessoas se inscrevam... agora, só que no pronunciamento, as pessoas têm que se identificar, porque isso é gravado, para que a gente possa, então, reconstituir tudo para fazer a montagem da Ata. Eu gostaria, então, de franquear a palavra aos vereadores que gostassem de falar. Só queria que se identificasse, ta?

SAMUEL – Samuel Júnior. Em primeiro lugar, eu quero desejar um boa noite a todos, às autoridades civis, militares, eclesiásticas... um boa noite a toda a comunidade que nos acompanha, nos assiste nesse momento, através da TV Câmara... eu acho que, depois de tudo isso que já foi dito, já foi passado aqui, transmitido à comunidade, eu, que desde o primeiro dia, desde a primeira reunião – não é, Doutor Ogando? - em que fui convidado a participar, junto com o Gilberto, o Jorge, o Michel, o Doutor Ronaldo, que hoje não está aqui presente, o Luciano, que desde o primeiro momento participou ativamente, eu acreditei, acredito e vou acreditar em todo momento, Doutor Ogando, porque muito antes – foi lembrado aqui por você, mas, muito antes de dar esse pontapé inicial para esse grande empreendimento, nós temos que lembrar, realmente, que, lá atrás, alguém já pensava nisso, alguém já imaginou que poderia ter um grande empreendimento, ou vários outros, pequenos e médios empreendimentos, que foi, quero dizer, quando foi destinada aquela área para uma área industrial. E, com o apoio desta Casa, foi aprovado aqui o Projeto de Doação daquele terreno, um projeto enviado pelo Senhor Carlos, a quem eu dou aqui, realmente, os parabéns, por ter pensado, lá atrás, no que hoje está sendo concretizado, porque, para mim, é quase uma realidade. Então, acreditei, acredito e vou acreditar. Eu tenho certeza de que aqueles que ainda estão em dúvida, a cada dia, essa dúvida está ficando menor, está ficando pequena e ele vai ter que acreditar, porque o sonho está se tornando uma realidade. Eu acho que Bom Jesus, depois desse Empreendimento, ele muda. Muda, porque o faturamento, num empreendimento desse, mensal, significa o nosso faturamento, a nossa arrecadação na Prefeitura em torno de um ano. Então, isso muda, isso gera empregos, isso gera riquezas para o nosso município. Eu não tenho dúvida de que a nossa comunidade tem que abraçar isso, porque é a redenção de Bom Jesus. Muito obrigado.

(Aplausos)

JUSTIEN - Eu gostaria de verificar se outro vereador gostaria de... da palavra? Okay? Bem, gente, eu abro agora, então, aos presentes. Quem quiser fazer mais algum comentário, está aberto. Só gostaria que se identificasse. Dá ali o...

HERALDO - Uma boa noite a todos. Eu quero dizer que é uma satisfação imensa estar aqui, presenciando essa Audiência Pública.

JUSTIEN – Se identifica!

HERALDO – Meu nome é Heraldo Saluto de Rezende. Eu fui Presidente da Associação de Moradores, sou atuante na nossa comunidade e sou entusiasta desse grande empreendimento no nosso município e região. Eu, realmente, acompanhei várias reuniões, várias audiências para se constituir a ABISA e esse Empreendimento que está hoje, aqui, se tornando uma realidade nesse momento. Eu vejo dessa forma. E quero dizer, Doutor Ogando, que o senhor é um dos grandes merecedores dessa causa, porque, há três anos, surgiu, do seu despontamento político, essa iniciativa. Então, eu quero parabenizá-lo por esse Empreendimento, não desmerecendo aos outros mais; todos têm o seu mérito, a sua participação. Mas eu, como bonjesuense, eu sou um entusiasta do futuro e vejo nesse Projeto, na verdade, o nosso despontamento econômico-social, do nosso município e da nossa região. Obrigado, é isso o que eu tinha para falar.

JUSTIEN – Obrigado.

SILVA – O meu nome é Sérgio da Silva e eu gostaria, por uma questão de justiça, eu queria colocar aqui uma sugestão... Ouvindo atentamente a participação das pessoas, me ateuve aqui uma idéia: quando essa usina estiver construída, que seja colocada lá – eu sugiro isto ao responsável direto por essa construção – uma homenagem ao ex-prefeito Carlos Garcia, com o seu nome para a usina.

(Aplausos)

JUSTIEN - Okay!... Ronaldo, Ronaldo! Mas, é o Eduardo...

EDUARDO – Eduardo, Presidente da Associação Fluminense dos Plantadores de Cana, que a sede fica em Campos. Boa noite a todos os prefeitos, Doutor Ogando, aos companheiros das demais cidades, vereadores... Eu fico muito satisfeito em ver o avanço e a forma como essa indústria está se conduzindo e gostaria de aproveitar a oportunidade e fazer alguns comentários, principalmente aos companheiros produtores rurais, que nós conseguimos, a semana passada, em Brasília, a aprovação da AGU – Advocacia Geral da União, da inclusão da cana-de-açúcar na Política de Preço Mínimo, através do Ministério da Agricultura. Isto é uma conquista dos plantadores de cana do Brasil, porque, desde o momento em que o governo extinguiu o IAA, nós ficamos sem uma política de preço mínimo, e é uma atividade, hoje, de mercado e, como existe essa política para diversas outras culturas, no setor da Agricultura Nacional, a cana tinha ficado de fora pelo fato do IAA, existindo, não participava do Ministério da Agricultura a gestão da cana-de-açúcar. A gente conquistou isso da AGU. Hoje, estamos num mutirão, junto com o Ministério, CONAB, alisando os termos técnicos para dar legalidade a esse processo e dizer que esse Empreendimento tem um grau de profissionalismo, moderno... porque, uma das características para que nós, produtores rurais, possamos, amanhã, usufruir desta ferramenta de gestão, é o fato de termos uma Cooperativa. Então, a COPERCAM, sob esse aspecto, também está bem adiantada. Para terem uma idéia, eu acabei de passar, hoje, para companheiros de associações de plantadores de cana do Nordeste, modelo de estatuto de cooperativa que nós temos aqui, para eles construírem a deles, porque eles precisam criar cooperativa para participar desse processo. Então, eu quero parabenizar, também, sob esse aspecto, Luciano, que a COPERCAM será um grande instrumento no sentido de beneficiar nós produtores que, quando sabemos que tem uma política de preço mínimo como garantia, é uma segurança a mais para nós investirmos e usufruirmos das oportunidades de fomento que existem na nossa região. Dizer que o Município de Campos, onde nós temos lá o FUNDECANA, esse Empreendimento, com certeza, vai potencializar o uso desse instrumento de crédito, que é gerido pelos plantadores de cana. Infelizmente, como isso é em outro município, não pode vir para o Município de Bom Jesus, mas não deixa de ser uma oportunidade que, com certeza, agregará valor a esta empresa. Parabenizar a todos e contar conosco. Para mim, é uma satisfação muito grande poder chegar aqui e ver esses avanços e perceber o grau de competitividade, de competência, que tem essa empresa que está fazendo esse trabalho para cumprir essa etapa do processo de Licença. Parabéns a todos, para mim é uma grande satisfação, obrigado.

(Aplausos)

JUSTIEN – Ronaldo, Ronaldo...! Tem mais alguém? A Dona Nely, por favor...

NELY – Meu nome é Nely Barbosa, sou artesã - inclusive, as pessoas perguntam – se dedica e gosta de ver a agricultura. Também faço parte do Conselho Territorial do Noroeste Fluminense, do MDA, onde represento o artesanato. Por que artesanato, agricultura, cana? Porque nós produzimos artesanato com bagaço de cana! Nós trabalhamos com o agricultor familiar para ele aproveitar as fibras de bananeira fazendo bolsas; trabalhamos com pescadores artesanais para eles trabalharem, aprenderem a fazer o beneficiamento do couro do peixe; e, com isso, nós vamos agregando valores em momentos... porque, estamos falando em trabalhadores de cana! Sabemos que muitas mulheres também vão para cortar cana, plantar, mas tem momentos também em que ela fica em sua casa, ociosa, e nós trabalhamos com projetos, levando esta geração de renda também a essas famílias. Portanto, o que eu fiquei satisfeita em saber que a ABISAA está vindo para a nossa região, trazendo também o desenvolvimento sócio-econômico; trazendo, também, o

desenvolvimento social, dando a esses jovens que aqui estão a perspectiva de estar trabalhando numa empresa grande, sendo capacitado aqui. Precisamos manter as pessoas aqui, no interior. Tem pouco tempo que o interior começou a desenvolver; quando daqui foram para fora, eu vim da capital, do Rio de Janeiro, nasci na época que era Distrito Federal, e, hoje, estou em Bom Jesus há dezessete anos, já sou bonjesuense e amo a terra, e luto por ela. E mais ainda, luto pela minha comunidade, que é a Nova Bom Jesus. Obrigado, parabéns a todos...

JUSTIEN – Ronaldo!... Oh, desculpe...

NELY – Eu quero parabenizar a todos e agradecer essa oportunidade; principalmente, agradecendo a Deus. Muito obrigada.

JUSTIEN – Muito obrigado, Dona Nely, muito obrigado. Desliga aqui o projetor... o projetor...

LOPES – Luiz Lopes, Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Tenho tido o privilégio de trabalhar em nossa região; trabalhei na região de Santa Maria, Usina de Santa Isabel, Carabuçu, Bom Jesus, representando a Igreja e representando também uma grande parte social, com mais de quatro anos participando em atividade social aqui, de nossa sociedade. E nós queremos registrar a nossa alegria, a nossa esperança maior nesse trabalho tão importante dessa organização. Ao Doutor Ogando e a todos os outros que participam dessa equipe, parabéns! E, naquilo que a gente puder somar, contem com a gente.

(Aplausos)

ALGUÉM – René, tem mais uma senhora ali.

JUSTIEN – Okay.

TEREZINHA – Boa noite a todos. Meu nome é Terezinha, sou Presidente da Federação das Associações de Moradores de Bairros e Presidente do Lyons Club de Bom Jesus. Aqui, Doutor Ogando, como amiga de Doutor Ogando, quero parabenizar a todos que estão aqui, porque eu quero falar como professora que sou, há vinte e cinco anos, no Curso Técnico de Administração, que é o profissionalizante. Então, a gente sempre vê nos alunos isso aí: cadê o emprego em Bom Jesus? Se formam em Administração, em Contadores, e não têm uma perspectiva de trabalho dentro de Bom Jesus. Então, com isso aí, eu me sinto feliz; sou muito feliz, estou respondendo como professora perante a todos os meus alunos, que agora eu estou em Licença Especial, mas que fui professora vinte e cinco anos no Padre Melo. Então, muito obrigado por isso, estou muito satisfeita de estar aqui e parabéns a toda a equipe sua, Doutor Ogando.

(Aplausos)

JUSTIEN - Okay, gente?

ALCÂNTARA – Boa noite, Alexandre de Alcântara. Eu sou ex-coordenador da Defesa Civil do Município, mestrando na área de Defesa Civil e Segurança Pública, na UFF. Faço questão de fazer alguns registros porque, desde 1997, que abracei a paixão à Defesa Civil; sempre atuei na área de segurança, mas a Defesa Civil e Segurança Civil foi, realmente, por aquilo por que me apaixonei. De lá para cá, eu passei a angariar conhecimentos, chegando, hoje, a estar cursando o primeiro Mestrado em Defesa e Segurança Civil da América Latina, na UFF; é um privilégio, inclusive com apoio do próprio Município.

Eu tive oportunidade de ter acesso a alguns registros desse processo de autorização e, desde o início, a figura do Luciano Mendes – que volto a ratificar, simplesmente, ao que já foi falado – uma figura importantíssima, e o Doutor Ogando, na época, então, deputado. Mas, eu reparei também que a força desempenhada por dois políticos não ficou simplesmente no âmbito político; foi uma força, além do mais, de carisma, transparência,

determinação e de muita técnica. A parte legal de todo esse processo, desse procedimento, foi uma coisa que me impressionou muito, porque, ao longo da minha profissão, que eu venho desenvolvendo desde 97, e até hoje, eu notei que a parte legal sempre foi muito esquecida, o que vocês não deixaram acontecer em momento nenhum foi ser, justamente, questionado de maneira evasiva e irresponsável em qualquer parte que fosse, no sentido legal. Tudo dentro da legalidade, visando sempre a transparência, com uma determinação que eu digo, até, impressionante. Eu faço menção a isso de uma forma muito enfática porque isso é fato! Profissionais da área, que conhecem esse tipo de tratamento, de procedimento, tem que reconhecer publicamente. Então, está aqui o meus sinceros parabéns e, principalmente, o grande desempenho e a qualidade dessa Audiência Pública que vocês conseguiram, de uma forma tão determinante, proporcionar a todos nós. Parabéns e boa noite.

(Aplausos)

JUSTIEN - Okay, obrigado. Gente... tem mais um ali... depois, tem mais inscritos? Gilberto, você está inscrito? Ta. Depois, a gente encerra.

REIS – Meu nome é Sandro Reis, sou produtor rural, sou Engenheiro Agrônomo e um dos diretores da COPERCAM. Eu queria aproveitar esse espaço para agradecer a gente que está nessa luta aí há três anos. Agradecer a todos os apoiadores do evento, agradecer ao Comércio, que nos ajudou nesse evento de hoje, que apoiou, ajudou a gente na divulgação... Agradecer também as críticas que a gente teve, às pessoas que não acreditaram a gente agradece também, porque é com elas que a gente cresce, que a gente corre e briga pelos nossos ideais. Então, vai aqui o meu registro e o agradecimento a todos que, principalmente, apoiaram a gente nesse tempo todo aí: o SEBRAE, o Colégio Agrícola, a Universidade Rural, todas as instituições, a Câmara Municipal, a Prefeitura de Bom Jesus, todas as Prefeituras da região, todos os Secretários de Agricultura, sempre de portas abertas para a COPERCAM. No momento, eu queria registrar só isso, só o agradecimento mesmo, obrigado.

(Aplausos)

JUSTIEN - O Senhor Gilberto quer fazer uma despedida...

MACHADO – Bom, até então, eu respondi perguntas; eu gostaria, agora, de agradecer de coração a toda a comunidade bonjesuense, ao particular esforço do meu amigo Luciano Nunes, COPERCAM... Sandro... SEBRAE... Enfim, todas as instituições que estão envolvidas nesse processo, que estão fazendo este evento com esse brilhantismo que têm. Não poderíamos, nós, da ABISA... hoje, aqui, nosso amigo Demétrio **Rios Lirios**, representando o Ronaldo Badim, Diretor do grupo Benco, meu amigo Michel Duna, Edmar... meu amigo Virgílio Gibon, lá da Fundação Getúlio Vargas, que tem nos dado uma contribuição muito grande na área econômica, no desenvolvimento do Projeto Econômico desse negócio; não poderia ser nada menor do que isto num projeto desses. Então, agradeço ao meu amigo Ogando, João, aos vereadores, prefeitos, etc., etc., etc. Eu passaria a noite toda agradecendo; então, só posso falar uma coisa: Luiz Ricardo, parabéns por esse brilhante trabalho; essa empresa vai ser grande, hein, se Deus quiser!

Obrigado a todos, muito obrigado!

(Aplausos)

JUSTIEN – Bem.gente, tudo isso que foi discutido aqui, as apresentações, as perguntas elaboradas, as respostas, os depoimentos, serão todos transcritos e constarão da Ata. A partir da data da Audiência, todos têm o prazo de dez dias para enviar sua manifestação, sua opinião, acrescentar alguma coisa//

(O DVD 1 termina aqui)

DVD 2

JUSTIEN – (Continuando) da ABISA, da destilaria de álcool, e agradeço ao Prefeito Batista Magalhães pela sua presença aqui, aos demais Prefeitos também, que são de outros municípios, por prestigiar, ver a importância, acho que não só do Empreendimento, como também da Audiência Pública, onde nós já fizemos também em Itaocara, duas vezes, lá da hidrelétrica, em que o Prefeito participou ativamente, brilhantemente, de uma forma mais intensiva...

Agradeço também aos vereadores, no nome do Presidente da Câmara, que faz parte da Mesa também, do Paulinho e por ter cedido este espaço, que foi o espaço ótimo – a gente que é técnico, aparentemente, se assusta com os desenvolvimentos políticos, onde a gente tem preocupação de dar uma contribuição técnica, que é política também; a gente teve aqui um comportamento maravilhoso. De agradecer à Mesa, os colegas da FEEMA que fez a apresentação, dos colegas presentes, do Empreendedor, da empresa que fez a apresentação do estudo, do Doutor Ogando, Presidente da FENORTE, de todas as autoridades e da Imprensa também, que cobriu esse tempo todo aqui, com toda a dedicação, porque é importante a divulgação e, especialmente, da população porque a grande importância desse evento – eu falo até do Luiz Heckmaier, presente aqui, ele já está há mais de trinta anos nessa luta. Essas questões ambientais são colocadas como um paradigma muito grande, todo mundo tem medo... E a nossa visão sempre foi de não ter medo dos empreendimentos. A gente quer o quê? Divulgação! Ninguém quer que não tenha empreendimento, a gente quer que ele venha de uma forma com a participação de todos, de uma forma transparente, onde todos conheçam, discutam, tenham a possibilidade, para que haja uma harmonia e uma atividade que seja, assim, presente à comunidade, com força total, e essa interação só ajude, que é um bem de todos.

Então, eu me despeço de todos e agradeço por essa belíssima Audiência. Muito obrigado.

(Aplausos)

(Música e imagens do Empreendimento, e, ao final, logomarca da TV Câmara)

FIM

02:59:49